



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Ilmo Santos
Reitor

Têlisa Furlanetto Graeff
Vice-Reitora de Graduação

Solange Maria Longhi
Vice-Reitora de Pesquisa e
Pós-Graduação

Jaime Giolo
Vice-Reitor de Extensão e
Assuntos Comunitários

Lorivan Fusch de Figueiredo
Vice-Reitor Administrativo

José Gaston Hilgert
Mário Maestri
Editores

CONSELHO EDITORIAL

José Gaston Hilgert
Presidente

| | |
|------------------------------|---------------------------------------|
| COPYBEM | |
| PASTA Nº | 6 |
| | 39 Folhas |
| <input type="checkbox"/> F/V | <input checked="" type="checkbox"/> F |

Friederich W. A. Froebel

DEDALUS - Acervo - FE



20500022675

A EDUCAÇÃO DO HOMEM

Maria Helena Camara Bastos
Apresentação e tradução

Universidade de Passo Fundo
2001



Biblioteca / FEUSP
43518

Maria Emílse Lucatelli
Editoria de Texto

Ellen Garber
Revisão do texto

Daniela Cardoso
Revisão de erratas

Gilmar José Voloski
Assistente de edição

Vanderley Benedetti
Produção da Capa

Charles Pimentel da Silva
Editoração e Composição Eletrônica

| | |
|----------------|-----------------|
| Aquisição | Doação |
| Origem | Doação Titulo |
| So | |
| Pr | |
| R\$ | Data 09.10.2001 |
| N.º de Chamada | 39.01 F925e |

Este livro, no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor e da editora.

Traduzido do original em espanhol: FROEBEL, F. *Da educación del hombre*. Traducción del alemán por Luis de Zulueta. Madrid: Daniel Jorro Ed., 1913. 454 p.

F925e Froebel, Friedrich W. A.
A educação do homem / Friedrich W. A. Froebel ;
tradução de Maria Helena Câmara Bastos. - Passo Fundo:
UPF, 2001.
238 p.

1. Educação 2. Teoria da educação 3. Leitura
I. Bastos, Maria Helena Câmara, trad. II. Título

CDU: 37.013

Catálogo na fonte Bibliotecária Suzana J. D. dos Reis CRB 10/1332

ISBN - 85-7515-015-4

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Editora Universitária

Campus I, bairro São José

Fone 0(**)54 316-8374

99001-970 Passo Fundo - RS - Brasil

Home page www.upf.tche.br/editora

■ Apresentação

Nas poucas caminhadas que tenho realizado pela educação infantil, dois fatos chamaram-me reiteradamente a atenção: a profusão de citações sobre a obra de Froebel, retiradas de fontes secundárias, e a constatação de que as suas obras fundamentais não tiveram tradução no Brasil. O acesso a sua principal obra - *A educação do homem* - ocorre através de tradução espanhola, do início deste século (1913), e francesa, da segunda metade do século XIX, encontradas em poucas bibliotecas brasileiras.

Com a expansão de cursos, estudos e pesquisas relativas à educação infantil, constata-se um discurso caracterizado por Kulmann como: "O passado teria sido necessariamente atrasado e o que se está fazendo inaugura uma nova era; agora, a instituição será educacional, agora se dará importância ao brinquedo e à brincadeira, agora se começará a atender às necessidades da criança, expressões que, surpreendentemente, podem ser encontradas em textos do século passado".¹

Essa ilusão do *novo* decorre tanto do desconhecimento da história do seu objeto de estudo como da leitura dos textos *fundadores* que contribuíram para a história da infância. Autores como Comenius, Rousseau, Maria Montessori, entre outros, tiveram suas obras traduzidas e publicadas no Brasil ao longo do século XX. No entanto, com Pestalozzi² e Froebel não aconteceu o mesmo, encontrando-se somente fragmentos de capítulos de suas obras ou a apropriação de suas idéias por meio de outros autores, principalmente de traduções de revistas americanas - nos artigos da *Revista do Jardim de Infância*, publicada no final do século XIX, em São Paulo.³

No Brasil, na segunda metade do século XIX, principalmente a partir da década de 1870, as idéias de Froebel começaram a ser divulgadas por: dr. Joaquim José de Menezes Vieira, que criou o primeiro jardim

¹ KUHLMANN Jr., Moisés. *Infância e educação infantil*. Uma abordagem histórica. p. 5.

² Incontri afirma que Pestalozzi "não teve nenhum de seus textos integralmente traduzidos no Brasil, nem de seus discípulos diretos veio ao Brasil, nenhuma escola ou instituição se inspirou em suas idéias com profundo conhecimento de causa". INCONTRI, Cora. *Pestalozzi: educação e ética*. p. 126.

³ BARARD. *Resumo dos princípios de Froebel*. Tradução de Zalina Rolim do *Kindergarten and Child Culture*; WIEBÉ, Edward. *A educação froebeliana*. Tradução por G. Prestes do *Paradise of Childhood*. *Revista do Jardim de Infância*, São Paulo, n. 2, 1897.

■ Cronologia

- 1782 Nasce, em 21 de abril, Friedrich Wilhelm August Froebel, sexto filho do pastor luterano Johann Jakob Froebel e de Jakobine Friederike Hoffmann, na Vila de Oberweissbach, do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt, situado na Floresta da Turíngia, região a sudeste da Alemanha. Fica órfão de mãe com menos de um ano de idade.
- 1792 Muda-se para Stadtilm, onde faz a escola primária, sob a proteção de um tio materno.
- 1797 Aos quinze anos, trabalha como aprendiz de um guarda-florestal, o que, sem dúvida, teve grande importância na sua formação espiritual, pois nessa experiência aprendeu a interessar-se vivamente pela natureza.
- 1780 Matricula-se na Universidade de Iena, no curso de Filosofia, mas estuda as ciências práticas: matemática, mineralogia, física, química, direito administrativo, silvicultura e arquitetura.
- 1801 Volta à casa do pai e trabalha, alguns meses, como guarda-livros de um dono de fazenda, adquirindo alguma experiência em atividades agrícolas.
- 1802 Morre seu pai. Em Markt Baunach, ocupa o cargo de escrivão da administração florestal. Muda-se para Bamberg, onde exerce o cargo de auxiliar de agrimensor, cabendo-lhe desenhar mapas.
- 1804 Vai para Frankfurt a fim de estudar arquitetura.
- 1805 Preocupado com a sua subsistência, procura uma vaga provisória de preceptor na Escola-Modelo. O diretor, Gottlieb Anton Gruner, que havia se atualizado com Pestalozzi, em Iverdon (Suíça), inicia Froebel no conhecimento da obra do educador suíço e na descoberta de sua vocação.
- 1808 Interessa-se em conhecer pessoalmente a obra de Pestalozzi, permanecendo dois anos em Iverdon, na Suíça.
- 1811 Volta à Alemanha, onde estuda ciências naturais, na Universidade de Gottingen, e formula, pela primeira vez, sua *filosofia da esfera - lei esférica* - "a exemplo de todas as coisas da natureza, também a tendência dos cristais é a exteriorização do seu cen-

- tro", fundamento de sua pedagogia e que influencia sua teoria de educação, pedagogia escolar e teoria do jogo no jardim de infância.
- 1812 Para aprofundar seus estudos de cristalografia, vai para Berlim estudar com o assistente do professor Samuel Weib, fundador da cristalografia.
- 1813 Ante a invasão das tropas napoleônicas (Campanha da Rússia), alista-se como voluntário, vindo a conhecer, então, seus companheiros inseparáveis: Langenthal, Middendorf e Bauer.
- 1814 Terminada a guerra, volta a Berlim a fim de dar continuidade aos seus estudos universitários e assumir o posto de inspetor do Museu Mineralógico.
- 1816 Entrega-se, definitivamente, à educação das crianças, fundando sua primeira escola - Instituto Geral Alemão de Educação -, transferindo-se para Keilhau (1817 a 1831), de forma modesta, com sua mulher e dois colaboradores.
- 1820/23 . Publica uma série de brochuras sobre a experiência de Keilhau: *Ao nosso povo alemão* (1820); *A educação corajosa e suficiente, - consentânea ao caráter alemão; Princípios fundamentais, meta e vida interna do Instituto de Educação de Keilhau, consentâneos ao povo alemão* (1821); *Referências ao Instituto de Educação de Keilhau, consentâneas ao povo alemão* (1823); *Sobre a educação alemã em geral e sobre o que há de alemão em especial no Instituto de Educação de Keilhau* (1823).
- 1826 Publica o livro *A educação do homem, arte da educação, da instrução e do ensino, colimada no Instituto de Educação de Keilhau, consentâneo ao povo alemão* (v. 1, até o início da adolescência), no qual apresenta e teoriza suas experiências pedagógicas iniciadas em 1816. Começa a publicação do jornal - revista semanal *A Família Educadora*, destinado a divulgar seu sistema de educação.
- 1827 Faz uma tentativa de fundar outra instituição educativa em Helba, mas fracassa. Esse projeto previa um conjunto de instituições educativas: uma instituição de cuidado para órfãos de três a sete anos (precursor do jardim de infância); o Instituto de Educação Popular, que comportava uma tendência de educação ergonômica, e outros estabelecimentos, como um colégio chamado Escola Politécnica ou Estabelecimento de Formação à Arte, ao Comércio e à Indústria Alemã, e um liceu, o Instituto Geral Alemão de Educação de Keilhau.

- 1829 O colaborador de Froebel, Barop, assume a direção de Keilhau para preservá-lo da falência.
- 1831 A situação política da Alemanha considera subversiva sua obra, por isso, ele tem de refugiar-se na Suíça. Graças à família von Holzhausen, é convidado a abrir um instituto privado de educação, no Castelo de Watensee. Esse instituto, no entanto, não se mostrou viável, sendo transferido, depois de dois anos, para Willisau, no cantão de Lucerna.
- 1833 Redige o ensaio "Princípios da educação do homem", no qual apresenta sua posição pedagógica.
- 1834/35 . É convidado pela administração do cantão de Berna a dirigir um orfanato para pobres. Apresenta quatro projetos, os quais se referem à experiência de Keilhau e insistem na importância da atividade criativa, tendo como ponto de partida "o desenvolvimento natural e harmonioso das faculdades das crianças", e por objetivo "o progresso e a felicidade da humanidade". O orfanato não é criado, mas Froebel é encarregado de formar quatro professores-aspirantes e de dirigir o curso de aperfeiçoamento para professores primários. Posteriormente, é-lhe confiada a direção do Orfanato de Burgdorf e ele é encarregado de instalar uma escola primária, inaugurada em 1836.
- 1835 Escreve o artigo programático "O novo ano 1836 exige uma renovação da vida", no qual apresenta a educação esférica da criança em família, permitindo-lhe, assim, redefinir a *família sagrada*.
- 1836 Falece sua esposa. Retorna à Alemanha e estabelece-se em Bad Blankenburg. Ao mesmo tempo, cria seu material de ocupações e concentração, ou seja, inventa os jogos ginásticos e as canções de bola, aos quais chama de *dons*.
- 1837 Funda o primeiro jardim de infância (Kindergarten). Também funda uma fábrica de brinquedos, denominada "Estabelecimento para o cultivo das disposições naturais da criança e do jovem." Cria e dirige a revista *Folha Dominical*, na qual especifica os objetivos dos brinquedos.
- 1838 Projeta a criação do Instituto de Formação de Guias da Infância, inaugurado em junho de 1839. Aparecem os primeiros *dons*, com os seguintes cadernos de textos: *Primeiro dom: a pelota como o primeiro jogo do menino; Segundo dom: a bola e o dado como segundo jogo do menino*.
- 1840 Dá ao seu estabelecimento de ensino o nome de *Kindergarten*, que serve, ao mesmo tempo, como escola normal para a prepa-

- ração de *jardineiras*. Por meio de escritos e conferências, empenha-se incansavelmente na divulgação das suas idéias pedagógicas.
- 1844 Publica a obra *Mutter und Koselieder (Canções para a mãe que acalenta o seu filho)*, dedicado às mães, com várias canções para ajudar a mãe a estimular sensorialmente a criança e brincar com ela no primeiro mês de vida. Para Froebel, sobre os joelhos da mãe deveria começar a educação da criança. Edita *Hundert Ballieder (Cem canções de bola)*; *Cantos maternos e carícias. Cantigas*. Publica, também, *Introdução para o estudo do terceiro dom*.
- 1848 A partir da revolução de 1848, Froebel esperava uma ampla implantação do seu jardim de infância. No entanto, a reação política também atinge sua obra, sendo acusado de disseminar idéias perigosas para o Estado e pensamentos ateus. Estabelece seu primeiro contato com a baronesa Bertha Marie von Marenholtz Büllow, grande incentivadora e divulgadora de sua obra.
- 1849 Inaugura em Bad Liebenstein o Instituto para a Unificação Total da Vida para a Formação do Homem e seu Desenvolvimento Educativo, no qual passa a formar as *jardineiras*.
- 1850 Passa a viver num pequeno castelo em Marienthal, graças à benevolência do duque de Meiningen, por recomendação da baronesa von Marenholz-Büllow. Cria um jardim de infância e funda a revista *Semanário de Friedrich Froebel*, que teve cinquenta números editados.
- 1851 Casa-se pela segunda vez. A Prússia proíbe o funcionamento dos jardins de infância, resultado do movimento clericalista e anti-socialista. É convidado a participar do Congresso de Professores, ocorrido em Gotha, procurando reverter a sua situação política. Passa a publicar a *Revista das Idéias de Federico Froebel*.
- 1852 Em 21 de junho, morre em Marienthal. Sua esposa continua a dirigir o jardim de infância com a ajuda de Middendorf. Entre 1848 e 1852, são criados 31 jardins de infância na Alemanha.
- 1856 Estabelecem-se os primeiros jardins de infância nos Estados Unidos da América.
- 1857 Na Bélgica, é criado o primeiro jardim de infância, graças à difusão do método froebeliano por políticos e jornais liberais, em oposição às tradicionais "escolas de guarda" e à ausência de formação sistemática de professores.

- 1860 Liberam-se os jardins de infância na Prússia e, conseqüentemente, difunde-se o pensamento de Froebel na Europa e América.
- 1861 A educadora Elizabeth Palmer Peabody, grande propagadora da obra de Froebel, abre seu jardim de infância em Boston/EUA.
- 1872 O império austro-húngaro considera o jardim de infância como compulsório para as crianças com seis anos, e o método Froebel, como ensino obrigatório nas escolas normais.
- 1874 Cria-se a Sociedade Froebel para a promoção dos jardins de infância.
- 1875 Cria-se o primeiro jardim de infância no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. O Jardim de Crianças, anexo ao Colégio Menezes Vieira (1875-1887), na Rua dos Inválidos, n. 26, é dirigido por d. Carlota Menezes Vieira, esposa do diretor dr. Joaquim José de Menezes Vieira. Esse estabelecimento utiliza o material didático de Froebel.
- 1877 Em São Paulo/SP, na Escola Americana, instala-se a primeira instituição froebeliana, por iniciativa de protestantes.
- 1885 *A educação do homem é traduzida para o inglês*.
- 1892 Cria-se em Londres/Inglaterra o Instituto de Educação Froebel para formar professoras de acordo com o seu método.
- 1911 Cria-se o jardim de infância no Deutscher Hilfsverein (Colégio Farroupilha), em Porto Alegre/RS, sendo contratada como *jardineira* Dorothea Gruber, de nacionalidade suíça, que cursara uma escola para formação de jardineiras na Alemanha.

■ Introdução

Suscitar as energias do homem - ser progressivamente consciente, pensante e inteligente -, ajudá-lo a manifestar sua lei interior - o divino que há nele - com toda pureza e perfeição, com espontaneidade e consciência - nisso consiste a educação do homem. Ela nos dá, para esses fins, o caminho e os meios.

Conhecer essa lei eterna, adquirir consciência dela, refletir sobre seu fundamento e sua essência, sobre a relação, unidade e vitalidade de seus efeitos, saber da vida e abarcá-la em sua totalidade, nisso consiste a ciência, esta é a ciência da vida. Ela é exposta por seres conscientes, pensantes e inteligentes, é exercida neles e, mediante eles, converte-se em ciência da educação.

A doutrina a que chamamos de *educação* se refere ao conhecimento dessa lei e à reflexão sobre os preceitos que da mesma derivam para seres pensantes e inteligentes, com o objetivo de facilitar-lhes a consciência da sua missão e a realização do seu destino. A arte da educação consiste na livre-aplicação desse conhecimento, dessa reflexão, desse saber para a formação e desenvolvimento imediato de seres racionais, porque os prepara para realizar seu destino. O fim da educação é o desenvolvimento de uma vida fiel à sua vocação - *sã, pura e, portanto, santa*.

A sabedoria da vida, e também toda sabedoria, é constituída do conhecimento e de sua aplicação, de acordo com a consciência, de acordo com o desenvolvimento de uma vida fiel à sua vocação, *pura, santa*. Nesse sentido, ser um sábio é realizar a mais alta aspiração do homem e o mais sublime ato de sua liberdade. Educar-se a si mesmo e educar os outros - com determinação própria, liberdade e consciência - é a dupla ação da sabedoria. Nasceu com a primeira aparição do homem sobre a Terra; existiu no primeiro brilhar da consciência individual; porém, agora começa a manifestar-se como necessária e como uma exigência humana geral, e, por isso, passa a ser compreendida e praticada.

Desenvolver a educação é o caminho que conduz à vida, o único que guia com segurança à realização das aspirações internas da natureza humana e à realização também de suas aspirações externas; o único que,

mediante uma vida fiel à sua vocação pura, santa, leva à bem-aventurança eterna. Portanto, o divino no homem, sua essência, deve ser, mediante a educação, desenvolvido, exteriorizado e elevado à sua plena consciência. O homem há de alcançar a livre-manifestação desse elemento divino que nele atua se expressá-la numa vida consciente e livre. Também a educação, o ensino deve dar ao homem a intuição e o conhecimento do divino, do espiritual e do eterno que existem na natureza exterior, os quais constituem a essência dessa natureza e nela se expressam de um modo permanente.

A natureza, de acordo com a doutrina humana, deve manifestar-se mediante um intercâmbio vivo entre os dois - a unidade de lei que existe entre a natureza e o homem. Por meio da educação, apresentada em sua totalidade - isto é, como ensino, doutrina e educação propriamente dita -, o homem deve levar de forma magnânima à sua consciência e à atividade de sua vida o sentimento de que ele, assim como a natureza, procede de Deus, depende de Deus e em Deus encontra seu apoio e descanso.

Deve, também, a educação conduzir o homem a uma clara visão de si mesmo, da natureza, da sua união com Deus. Deve elevar-lhe o conhecimento de si mesmo, o conhecimento de Deus e da natureza e, mediante esse conhecimento, conduzi-lo a uma vida pura e santa. Porém, para chegar a tudo isso, a educação deve fundar-se e repousar sobre o interior e o mais íntimo da personalidade.

Todo o interior passa a ser conhecido por meio do exterior: a essência, o espírito, o divino do homem e das coisas se conhecem por suas manifestações externas. Por isso, as manifestações externas do homem e das coisas constituem, para ele, o ponto de apoio de toda educação, de todo ensino, de toda doutrina, de toda vida que seja testemunho de liberdade - partindo do exterior, chega-se ao interior e sobre ele se atua. Todavia, a educação não se contenta em deduzir do exterior o interior, mas busca a essência das coisas, encontrando-a na dupla relação do externo com o interno e do interno com o externo. Essa multiplicidade e pluralidade que ostenta a natureza não deve levar-nos à afirmação de uma pluralidade de suas últimas causas, de uma pluralidade de deuses, assim como, tampouco, a unidade de Deus nos fará crer em uma homogeneidade da natureza. Ao contrário, em ambos os casos, a pluralidade da natureza deve demonstrar-nos a unidade de seu último fundamento - Deus, assim como a unidade de Deus, é a eterna pluralidade dos fenômenos naturais.

Quando não se aplica tal princípio, mas se fala abertamente dele (quando das manifestações exteriores na vida da criança se quer deduzir

o íntimo de sua alma), é fácil cair em constantes contradições e debates, perpetuando os erros na vida e na educação. Daí provém, com tanta frequência, o desconhecimento da verdadeira natureza da criança, do jovem ou do adolescente; daí os fracassos em educação; daí a má inteligência entre pais e filhos, tanto por parte daqueles como por parte destes; daí, finalmente, as inúteis lamentações sobre a má conduta dos meninos, assim como também os elogios indevidos e as falsas esperanças sobre o seu futuro. Por isso, é tão importante esta verdade - a eterna pluralidade dos fenômenos naturais - em suas aplicações para pais, educadores e mestres. Deveriam todos esforçar-se em não se afastar dela, nem nos seus mínimos detalhes. Assim, obter-se-iam relações claras, seguras e pacíficas entre pais e filhos, entre educadores e discípulos, entre professores e alunos - relações que hoje tratamos de estabelecer em vão. Não nos esqueçamos: a criança aparentemente boa não o é com frequência, porque, em realidade, não quer o bem por livre determinação ou por amor, ou por respeito ou por conhecimento; o menino - exteriormente rude, obstinado e voluntarioso -, o jovem que na aparência não é bom escondem muitas vezes dentro de si, com livre determinação, a mais ativa, vigorosa e sincera tendência à realização do bem. O jovem que parece distraído pode estar concentrado interiormente em uma idéia constante e firme que o impede de atender a todo o exterior. É aqui que - originariamente e nas suas primeiras linhas gerais - a doutrina, o ensino e a educação devem, necessariamente, adaptar-se; acompanhar a natureza e segui-la, porém nunca prescrevê-la, determiná-la ou impor a esse menino ou jovem situações alheias à natureza.

A educação necessariamente há de ser assim porque a ação, não perturbada, do divino há de ser necessariamente boa e, portanto, não pode tender a outra coisa que não o bem. Dessa forma, o menino - o homem ainda em formação, mesmo inconsciente e semelhante a um produto natural - aspira, em si mesmo e por si mesmo, ao bem de uma maneira determinada e segura, e o faz de forma que particularmente convém à sua individualidade; sente-se, assim, com energias e meios para realizá-la em todas as circunstâncias. O pato recém-nascido vai à água; o mesmo faz o pinto, que corre pela terra, e a andorinha, assim que se sente com as penas, não pisa apenas o solo, mas busca seu alimento no ar. Ambas verdades educadoras - do duplo processo do exterior ao interior e do interior ao exterior, da adaptação respeitosa à espontaneidade de cada ser e a suas respectivas aplicações - encontram sua plena e mais clara confirmação - por mais que as combatamos - quando chegamos a ser homem, a quem mais especialmente se referem.

Em geral, tratando-se de plantas ou animais, contentamo-nos em dar-lhes espaço e tempo, não ignorando que, segundo as leis que regem cada espécie, crescerão bem e adquirirão um belo desenvolvimento. É o que geralmente ocorre com as plantas e animais: se deixados em paz, isto é, se for evitada qualquer influência perturbadora, eles terão um livre e são desenvolvimento. Porém, ao contrário, o homem, na sua infância, parece ser para o homem um pedaço de cera, uma massa de argila com a qual se pode modelar o que se quer. Homem que corre campinas e hortas, bosques e prados, por que não abres tua alma para escutar o que a natureza em seu silencioso idioma te ensina? Vê como cresce essa planta que, oprimida, afogada, deixa apenas adivinhar suas proporções e interna regularidade. Mudando, vê-a no espaço livre, em pleno campo, e contempla com que força manifesta em sua regularidade a lei interior, como mostra em todos os seus aspectos e partes uma vida harmônica, como vem a ser um sol figurado, uma brilhante estrela da terra. Pais, também nossos filhos, que hoje crescem ao teu redor de modo lânguido e antinatural (porque lhes impusestes, prematuramente, forma e direção contrárias à sua natureza), poderiam ter-se convertido em seres harmonicamente desenvolvidos, que manifestassem em todos os sentidos suas atitudes livremente.

Toda doutrina, educação ou ensino demasiadamente ativos, demasiadamente inclinados à coação, demasiadamente abundantes em prescrições tendem, inevitavelmente, a anular, a oprimir e a perturbar o homem no que ele tem de espontâneo - de originariamente são -, na obra divina que nele se manifesta. Certo é - para seguir em tudo o ensino da natureza - que a uva deve ser podada; porém, a poda, por si só, não dá nenhum vinho. Pelo contrário, é muito fácil que o tronco podado com pouco cuidado, deteriore-se e perca, além do seu aspecto frondoso, sua produção, se o camponês não tiver respeitado e seguido toda a estrutura e natureza da planta. Quando se trata de seres naturais e de seu cultivo, sabemos trabalhar com prudência naquilo em que, tratando-se de homens, seguiríamos um caminho inteiramente equivocado. Ainda assim, homens, como as plantas, tiram suas energias de uma única fonte e desenvolvem suas atividades segundo uma mesma lei. Por isso, a contemplação respeitosa da natureza tem tanta importância para o homem.

A natureza nos mostra poucas vezes, sobretudo no homem, aquele estado são e primitivo; porém, essa é uma razão a mais para presumir - pelo menos no indivíduo, mesmo que nos seja demonstrado o contrário - que esse estado são e primitivo poderia facilmente ficar anulado, se também nesses indivíduos não forem respeitadas as estruturas e a natureza

que antes existiam em toda a sua pureza. Além disso, a mesma convicção de que a espontaneidade original tenha desaparecido da massa dos homens - a certeza de que disso obtemos o mesmo, se considerarmos mais o exterior do que o interior - deve-nos confirmar precisamente a necessidade de seguirmos, com todo o rigor, o tipo de educação indicado.

Também uma manifestação corrompida nem sempre nos mostra o interior do homem; com grande dificuldade, indica qual é o ponto de partida, a fonte de onde arranca e brota a corrupção exteriorizada. A última pedra de toque, a única infalível, está sempre dentro do homem mesmo. Nesse ponto de vista, educação, doutrina e qualquer ensino devem tender muito mais a seguir a espontaneidade e a adaptar-se à natureza, do que a prescrever normas e determinar condutas: se predominar unicamente esta última tendência, impedir-se-ão o desenvolvimento e o progresso do gênero humano ou, o que é o mesmo, a manifestação do divino no homem e em sua atividade espontânea e livre - único objeto e fim de toda educação e de toda vida.

A educação ativa e diretiva principia propriamente para o homem quando ele começa a viver em união com Deus, quando começa a estabelecer-se em mútua compreensão e intimidade comum de vida entre pai e filho, porque assim a verdade se deriva da essência do todo e da natureza do indivíduo para poder ser sem esforço reconhecida. Entretanto, perturbação, ou corrupção, daquele estado primitivo e são no indivíduo não é conhecida: não se sabe exatamente em que consiste, nem de onde provém. Para conhecê-la, é necessário rodeá-la de um ambiente, de um conjunto de relações em todos os sentidos, que sirvam para refletir sobre sua conduta como em um espelho, de tal maneira que imediata e facilmente o próprio menino e as outras pessoas possam conhecer, por atos e por suas conseqüências, o verdadeiro estado de sua alma. Assim, ficam menos perigosas as manifestações dessa perturbação interior de sua vida.

A educação ativa, a que ordena e prescreve, não tem, em todo caso, mais do que um destes dois sentidos: ou sugerir pensamentos claros e vivos, a idéia verdadeira, fundada em si mesma; ou bem oferecer algo que sirva de exemplo e de modelo. Porém, o eterno intervém onde existe um pensamento vivo e fundado em si mesmo - de onde se prescreve o que é em si mesmo verdadeiro. Portanto, ao contentar-se com o aspecto passivo da educação - com a educação que se limita a adaptar-se e a seguir -, o pensamento vivo, eterno, divino, pressupõe e exige, por sua própria natureza, a determinação e espontânea atividade desse ser - o homem criado para a liberdade e para a imitação de Deus.

Também aquele que serve de exemplo - que se aceita como modelo de uma vida perfeita - não deve ser tomado, a não ser em sua forma, como padrão mais que em sua essência, em seu impulso elevado. Não há erro mais prejudicial que o de copiar (como deixado em sua mesma forma) tudo aquilo que constitui um exemplo espiritual para o homem. A experiência nos mostra que a cada passo os exemplos, quando convertidos em modelos que têm de ser adaptados rigorosamente, mais servem de obstáculo e estorvo do que de meio de elevação para o gênero humano.

Por isso, mesmo Jesus combateu com sua vida e com seus ensinamentos a adoção servil de modelos exteriores. Só o impulso interno, o espírito, a vida de modelo devem ser imitados, deixando sempre livres a forma e a maneira da manifestação. A vida, a lei, o engano e a maldade, a coação - a mais elevada e perfeita que a humanidade tenha conhecido - são por nós identificados, assim como foram na história de Jesus. Jesus reconheceu e sentiu em si mesmo o fundamento original e primitivo de seu ser, de sua obra e de sua vida, expressando-o com independência e livre-atividade, segundo leis e condições eternas, como fruto e consequência do princípio interno eternamente criador. Essa vida exemplar deve ser reproduzida em todos os homens de maneira que cada um se converta também em um modelo para si mesmo e para os demais, manifestando-se, segundo a lei eterna, com liberdade, vontade e determinação próprias. Não é nem deve ser outro o objeto, o fim de toda educação, doutrina ou ensino. Como vimos, também o mesmo modelo divino e eterno é passivo quanto à forma, e limita-se a seguir o discípulo mais para lhe prestar auxílio do que para o dirigir imperiosamente.

E a experiência nos demonstra que o pensamento vivificador, o eterno e espiritualmente exemplar, tende, por sua própria natureza, a determinar-se e a impor-se - e assim o faz efetivamente em suas manifestações. O pensamento tem exigências absolutas e inexoráveis; porém, só as tem quando essas exigências nascem necessariamente da essência do todo e da natureza do indivíduo e quando o próprio indivíduo pode reconhecer esses caracteres, compreendendo que o modelo se impõe como orgânico e como representação do necessário. Assim, o modelo só exige ser imitado naqueles casos em que se chegar à mesma conclusão, partindo das próprias exigências do espírito, da fé e da consciência; só deve ser imitado, portanto, durante a infância, naturalmente ingênua, ou em situações muito claras e primordiais da vida adulta. Nesses casos, impõe-se o modelo mediante o exemplo e as palavras - porém sempre no que concerne ao espírito e à vida e nunca no que se refere à forma.

A boa educação, o ensino adequado, a verdadeira doutrina devem, portanto, necessariamente, levar à liberdade; a lei, à própria determinação; a coação, à vontade livre; o ódio exterior, ao amor interior. Porém, quando o ódio engendra o ódio; a lei, o engano e a maldade; a coação, a escravidão; a necessidade, a submissão; quando a pressão anula, rebaixa e a carga abrande e envelhece; quando a severidade e o rigor provocam falsidade e rebeldia, desaparece, então, toda a educação, todo o fluxo saudável da educação, da doutrina e do ensino. Para alcançar o contrário, a educação, a doutrina e o ensino - em suas necessárias imposições e preceitos - devem deixar ver, até os últimos detalhes e de uma maneira evidente, que a mesma pessoa que dirige suprime toda a arbitrariedade e está submetida, com igual exatidão e rigor, a uma lei universal, a uma inevitável e eterna necessidade.

Toda educação e doutrina verdadeiras, todo verdadeiro ensino, qualquer educador e professor digno desse nome deve, em cada momento, em cada uma de suas determinações e exigências, atuar em um duplo sentido: dar e tomar, unir e separar, mandar e obedecer, fazer e suportar, obrigar e ceder, apertar e afrouxar... E o mesmo deve dizer-se do discípulo ou aluno. Porém, é preciso que entre os dois, entre o professor e o aluno, entre a exigência e o resultado exista invisível um terceiro termo: a eleição do justo, do melhor, que pode necessária e logicamente deduzir-se das condições dadas. Essa eleição constitui o terceiro termo, a que, por igual, devem submeter-se professor e aluno. O reconhecimento desse terceiro termo, sua clara noção, sua aceitação serena e entusiasta devem manifestar-se do modo mais puro e decidido no educador e no aluno. Geralmente, o menino tem um sentimento claro, uma perspicácia refinada: no ato compreende e raras vezes se equivoca se o que o educador, o professor ou o pai manifestam e exigem responde a um capricho pessoal ou a uma exigência real e objetiva.

Essa entrega, essa submissão a um terceiro termo, que impera igualmente sobre o discípulo e sobre o professor, deve manifestar-se até os últimos pormenores na ação de ambos. Por isso, a fórmula necessária e geral do ensino será "faz isto e observa qual é nesta determinada relação a consequência de teu ato e a que conhecimento te conduz". Assim, também o preceito, para a vida em geral, será para todos o seguinte: "Manifesta tua essência *espiritual*, o que em ti verdadeiramente vive, o que é tua vida, expressando-a no exterior e mediante o exterior em tuas obras, e observa o que tua essência reclama e como tem sido realizada". Mesmo Jesus se vale unicamente desse preceito para revelar o divino de sua missão, de sua natureza e de sua vida, para demonstrar a verdade de sua

doutrina. Esse é o preceito que conduz ao conhecimento da vida e do fundamento e à essência de toda a vida e de toda verdade.

Com isso, explica-se e compreende-se o seguinte princípio e dá-se o caminho para realizá-lo: "O ensino, assim como o educador mesmo, deve apresentar o individual e o particular como geral, e o geral como particular e individual, comprovando-os na vida; deve exteriorizar o interior e interiorizar o externo e mostrar a necessária unidade de ambos; deve considerar o finito em seu aspecto infinito, e o infinito em seu aspecto finito, fazendo ver como um e outro se unem na vida; deve contemplar o divino no humano, e a essência do homem em Deus, tendendo a que na vida se manifestem justamente".

Isso é o que da natureza do homem nasce com tanta clareza e precisão, o que se expressa com tanta evidência, quanto mais o homem penetrar em si mesmo, na natureza da criança e na história do desenvolvimento humano.

É, pois, inegável que o único objetivo, o único fim de toda educação e doutrina consiste no cultivo integral da essência original divina contida no homem, ajudando, assim, que se manifeste o infinito no finito, o eterno no temporal, o celeste no terreno, o divino no humano e na vida humana. Nesse sentido, único e verdadeiro, deve ser considerado e atendido o homem desde o instante em que vem ao mundo ou, melhor ainda, desde que, ainda invisível, se forma no útero materno, desde que a mãe tem, como Maria, sua anunciação.

Conforme a sua natureza imortal, a sua alma e o seu espírito, devemos tratar a cada um de nossos semelhantes como uma aparição da divindade sob formas humanas; como nova prova de amor, companhia e graça de Deus; como um dom divino, a maneira como os primeiros cristãos consideraram realmente os seus filhos, segundo podemos deduzir dos nomes que lhes deram.

Assim, desde menino, o homem deve ser tratado como um membro necessário e essencial da humanidade. Os pais devem, como educadores, sentir-se responsáveis ante Deus, ante a humanidade e ante seu próprio filho. Devem, também, os pais considerar o menino em comunhão, em sua relação clara e viva com o presente, o passado e o futuro do desenvolvimento humano, e formá-lo, educá-lo em harmonia com as exigências presentes, passadas e futuras do desenvolvimento da espécie humana. O homem, por sua natureza divina, terrena e humana, pertence, por sua vez, a Deus, à natureza e à humanidade. É necessário que nele se considere e se trate uma unidade, uma individualidade, uma pluralidade e que nele se representem, ao mesmo tempo, o presente, o passado e o futuro.

Portanto, nem o homem nem a humanidade, que no homem se exterioriza, constituem uma manifestação já definida e completa, algo fixo e estável, o fim de uma evolução, mas, sim, um ser que constantemente muda, progride e desenvolve, vive perenemente, disposto sempre a alcançar a perfeição, tendendo para fins que repousam no infinito e no eterno.

Não há critério mais prejudicial que o de considerar o desenvolvimento da humanidade como definitivo e concluído, julgando que ela se limita a tão-só estender-se e repetir seus tipos. Com semelhante critério, cada menino, cada geração seria unicamente uma imitação, uma cópia exterior e morta, algo assim como um vazio no molde das gerações anteriores. Porém, não é assim. Pelo contrário, o novo sujeito, no lugar que ocupa dentro da totalidade da evolução humana, vem a ser um modelo vivo para o futuro e para todas as gerações futuras. Certo é que cada geração, e também cada indivíduo, deve recorrer, e de fato recorre, a todos os estágios sucessivos da evolução anterior e da cultura da humanidade. Se não fosse assim, o homem não compreenderia os seus antepassados nem os seus contemporâneos. Porém, ele não segue essa marcha pelo estéril caminho da imitação, da cópia, mas pelo caminho vital do próprio desenvolvimento e da espontânea formação. Cada homem deve apresentar-se a si mesmo e aos outros como um modelo livre porque, em cada um, existe e se encerra a humanidade inteira. Dessa forma, existem em cada um - exposto e manifesto de uma maneira própria, peculiar e única - a essência da humanidade, a essência de Deus, que podem ser cada vez mais bem compreendidas, que podem ser cada vez mais exatas e intensamente pressentidas em sua infinitude, em sua eternidade, na inesgotável pluralidade que ela abarca e nela se encerra.

Esse conhecimento do homem e essa reflexão sobre o que constitui sua verdadeira natureza são os únicos que bastam e que contêm, em princípio, todos os demais. Desse conhecimento, dessa reflexão, brota naturalmente, quando necessitamos, o saber em uma investigação de consciência para o cultivo e a educação do homem. Unicamente partindo desse critério acerca do homem e da anunciação de seu nascimento, a verdadeira educação pode prosperar, florescer e dar saborosos frutos.

Agora é fácil deduzir, clara e distintamente, qual é, antes e depois da anunciação, o dever dos esposos e dos pais: eles devem ser puros e sinceros em palavras e obras; devem compreender plenamente todo o valor e a dignidade do ser humano; devem considerar que um dom divino está entregue a seu cuidado e à sua proteção; devem ilustrar acerca do fim e do destino do homem e acerca do caminho e dos meios pelos quais se podem realizar. A missão do filho como tal consiste especialmente em

desenvolver e aperfeiçoar: a natureza do pai e da mãe, o paterno e o materno, todo o espiritual e sentimental que na consciência dos pais pode existir - mesmo que os pais não suspeitem, não conheçam as atitudes e energias que dormem no fundo de suas almas. De forma análoga, a missão do homem, como filho de Deus e da natureza, consiste em concordar e harmonizar a essência de Deus e da natureza, o natural e o divino, o terreno e o celeste, o finito e o infinito. A missão de um filho como membro da família é expressar e desenvolver - de maneira clara, íntegra e harmônica - a essência da família, suas atitudes e energias espirituais. Assim, também o destino e a vocação do homem, como membro da humanidade, pedem que se desenvolvam, aperfeiçoem e manifestem a essência, as energias e atitudes da humanidade inteira.

Para que, no entanto, os filhos e os membros de uma família desenvolvam e expressem como tais a essência dos pais ou da família (essência que até esse momento se achava latente, dormindo, incógnita, insuspeita), é preciso que cada um dos filhos ou dos membros da família se desenvolva e expresse a si mesmo em todos os sentidos, da maneira mais peculiar e pessoal - quanto mais clara e plenamente realize isso, com tanta maior clareza conseguirá aquilo. De um modo análogo, os homens, como filhos de Deus e membros da humanidade, representarão por sua vez a essência comum a Deus e à humanidade - essência que nesta última dorme, não inteiramente conhecida e reconhecida -, com tanta maior pureza e perfeição quanto mais peculiar e pessoal for o desenvolvimento de cada criança, de cada indivíduo humano.

Consegue-se tal estágio quando o homem se forma e se aperfeiçoa segundo o caminho, segundo a lei que tem seguido e segue em todas as coisas - em sua formação e aperfeiçoamento -, lei que rege e governa universalmente, onde quer que se encontrem o ser e a existência, o Criador e a criatura, Deus e a natureza. A lei é esta: que cada homem expresse sua essência e manifeste a unidade em si mesmo e por si mesmo; a individualidade, sobre algo individual por ele concebido e exteriorizado com especial clareza e plenitude, e a pluralidade, em tudo o que ele produz e executa. Só mediante essa tríplice manifestação - tríplice, por sua vez, una é unificadora - consegue-se plenamente a exteriorização - a exposição, a revelação do íntimo de cada ser. Se um elemento dessa tríplice manifestação se suprime na realidade, ou falta no conhecimento e na reflexão, não é possível uma manifestação completa, perfeita e sem obstáculos. Somente pela manifestação tríplice se expressa e se revela integralmente cada coisa em sua essência e em sua unidade; somente a inteligência e o estudo dessa tríplice manifestação - pela qual cada coisa

expressa e revela completamente sua essência - conduzem à compreensão verdadeira dessa essência e ao conhecimento exato da coisa mesma.

Desde seu nascimento, desde sua aparição sobre a terra, o menino deve ser tratado de acordo com a sua verdadeira essência e de modo que possa empregar sua energia com liberdade. A educação não tem de favorecer o desenvolvimento de uns membros à custa de outros, nem o cultivo de umas atitudes tem de prejudicar as demais. Não impeçamos o espontâneo crescimento de seu corpo, oprimindo-o e empacotando-o em estreitos invólucros, nem mais tarde o façamos caminhar com andadores. É preciso que o menino, o homem futuro, consiga o quanto antes encontrar por si mesmo seu centro de gravidade, o ponto de equilíbrio de todos os seus membros e energias; movimentar-se ativa e livremente; valer-se de suas próprias mãos; firmar-se e andar sobre seus próprios pés; ver com seus próprios olhos; utilizar de uma maneira adequada e harmônica todos os seus membros. Logo, o menino deve aprender e exercitar a arte mais nobre e mais difícil: saber conservar seu centro de gravidade, o justo meio no caminho da vida, apesar de todos os desvios, transtornos e obstáculos.

A primeira manifestação da criança é a de energia. Porém, a energia provoca resistência; daí as primeiras queixas da criança em repelir aquilo em que seus pés tropeçam, ou em repelir os que querem segurar seus movimentos. Paralelamente a essas manifestações, desenvolve-se na criança a sensibilidade do real; por isso, sorri e expressa sua alegria e sua satisfação quando se encontra rodeada de um ambiente agradável, de luz clara e ar puro. Aqui se acha o começo da consciência do próprio ser, o germe da consciência humana: tranqüilidade e inquietude, prazer e dor, riso e choro. A tranqüilidade, a alegria e o riso são indícios de tudo aquilo que a sensibilidade da criança coopera para o desenvolvimento puro, espontâneo de seu ser, do ser humano, da vida infantil e da vida humana. Essas primeiras manifestações, sua conservação e cuidado devem constituir o ponto de partida da primeira educação e a base de todo o posterior desenvolvimento, aperfeiçoamento e atividade na vida. Pelo contrário, a inquietação, a dor e o choro, já na sua primeira manifestação, denotam o que é contrário à evolução do homem quando criança. Também a educação, quando trabalhada de maneira oposta, isto é, para preveni-los e suprimi-los, acaba por não encontrar os verdadeiros motivos, a raiz de onde se originam as inquietações. A princípio, mas quase unicamente no início, a intranqüilidade, os gritos e as lágrimas da criança não indicam rebeldia ou má vontade; porém, apontam como a criança começa a se sentir, quais dores e moléstias dependem de algum modo do capricho, do

descuido ou da preguiça dos demais. Quando esses tristes sentimentos se fixam na criança, nasce o espírito de rebeldia, a primeira e a mais odiosa de todas as suas faltas, a maior inimiga da própria criança e dos que a rodeiam, falta que dificilmente poderá ser imediatamente corrigida sem prejuízo das melhores qualidades do homem - essas atitudes geram a dissimulação, a mentira, a teimosia, a obstinação e outros tantos defeitos lamentáveis.

Muitas vezes, porém, quando se segue o bom caminho, é possível que esses sentimentos apareçam. O homem, por sua natureza e destino, deve acostumar-se a suportar dores pequenas e sem importância, aprendendo, assim, a resignar-se diante dos maiores e a desprezar as penalidades da existência. Se os pais e as demais pessoas que cuidam da criança têm absoluta segurança de que, apesar de sua inquietude e de seus choros, proporcionam tudo aquilo de que necessita a criança, e de que tiraram do seu caminho tudo aquilo que podia prejudicá-la, eles podem e devem deixá-la abandonada a si mesma, dando-lhe tempo para que espontaneamente se acalme - não é bom que a criança se acostume a reclamar e a obter auxílio dos outros para dores fingidas ou qualquer pequena moléstia facilmente suportável. Assim, muitos pais e educadores têm perdido a oportunidade de deixar a criança procurar sozinha seu caminho - e não será fácil recuperá-la pela imposição e pela violência. Os pequenos possuem um pressentimento sutil, uma percepção refinada da debilidade de quem os rodeia. Essa energia originária, que vive e trabalha na criança, manifesta-se mais facilmente para dominar os demais quando a fraqueza desses permite do que para agir e para ter paciência em suportar as próprias doenças.

Nesse primeiro período de vida, dá-se geralmente à criança o nome de bebê, e não pode ser mais exata essa denominação, porque o amamentar constitui sua quase única atividade - todas as demais manifestações citadas, o riso e o choro, referem-se geralmente à lactação. Nessa primeira fase, a criança não só toma o peito de sua mãe para nutrir sua vida como também se esforça para receber, por meio dos sentidos, toda a variedade de coisas exteriores que a rodeiam. Por isso, é tão importante para o homem esse primeiro período de crescimento - para o seu presente e seu futuro. Assim, nessa fase, o homem não deve receber nada de mal, ruim, desprezível, equivocado e prejudicial. O olhar e o rosto daqueles que o cercam devem revelar uma serena confiança, expressão da clareza e pureza interiores. Mesmo que outras coisas sejam escassas, não devem faltar à criança ar puro, luz clara e espaço suficiente, porque dificilmente esquecerá, depois de homem, as impressões de sua infância: junto com o

leite materno, seus olhos e toda sua alma se abriam às impressões do mundo. Com imensa frequência, as mais violentas lutas do homem consigo mesmo e suas maiores desgraças têm sua origem nessa primeira época.

Nunca é demais lembrar a importância que tem um bebê. Devem-se também comparar com seus respectivos filhos os resultados obtidos por aquelas mães que os amamentam com os daquelas que não cumpriram com o dever. Em ambos os casos, as mães sabem que o primeiro sorriso da criança assinala uma etapa transcendental de sua vida; constitui, pelo menos, uma expressão de sua personalidade corporal, física. Porém, pode ser mais: não só a sensação corpórea da própria pessoa, mas também o princípio de um sentimento de comunhão entre mãe e filho, princípio de outros análogos para com o pai e os irmãos e, depois, para com os demais homens.

Esse primeiro sentimento de comunhão - sentimento que une primeiramente a criança com a mãe, o pai e os irmãos - serve de base para a mais alta e espiritual união, da qual nasce a certeza absoluta de que o pai, a mãe, os irmãos e todos os homens se sentem também unidos e em comunhão com algo superior, com a humanidade, com Deus. O sentimento de comunhão é, pois, o princípio, o princípio exterior de toda religiosidade verdadeira, de toda sincera aspiração à união perfeita com o Eterno, com Deus. A religião verdadeira, a viva, a que perdura através dos perigos e das lutas, através das necessidades e misérias ou das alegrias e prazeres, inicia-se no homem desde o berço; nesse momento, a criança já tem um pressentimento obscuro de que algo vivo, algo que provém da divindade, manifesta-se no finito, no homem. E esse obscuro pressentimento, essa consciência nebulosa, deve ser quanto antes cultivada, fortalecida e alimentada no homem para que possa logo aperfeiçoar-se e elevar-se à verdadeira e clara consciência. Isso é não só um espetáculo comovedor para ele, que sem ser visto o contempla, mas também um augúrio de eterna beatitude para a criança - o costume da mãe que, ao depositá-la no berço, eleva ao céu um olhar desde o fundo de sua alma, pedindo para seu filho a proteção d'Aquele que é o pai comum dos dois.

E há outra cena que igualmente comove, que alegra, mas que, por sua vez, tem a maior importância moral para a vida presente e futura da criança. Quando ela acorda, serena, alegre e sorridente, levanta também a mãe seus olhos até o Pai comum, dando-lhe com os lábios trêmulos as graças pelo repouso permitido, pelas forças adquiridas, por aquele filho que Deus parece dar-lhe de novo a cada manhã. Isso também exercera uma ação positiva sobre toda a vida que mãe e filho levam juntos. É aqui que a verdadeira mãe, consciente dos maus desejos de outra pessoa, não

permite que se aproxime da criança dormindo no berço e a tome nos braços ao despertar.

A criança tratada assim por sua mãe está santificada no humano, no terreno e no celeste. Já fez sua oração. Descansa em Deus, princípio e fim de toda a existência. Esse divino ponto de apoio, que se sustenta sempre firme e seguro, é o mais alto dom para a vida que os pais podem entregar a seus filhos. Porém, para o bebê, é necessário que pais e filhos se sintam unidos, que se dêem, exterior e interiormente juntos, quando aspirem também a unir-se com seu pai celestial, quando elevem a Deus sua oração na íntima quietude da alcova ou no meio da natureza livre.

Não se diga que as crianças não podem entender essas coisas. Com esse critério, privá-las-íamos do melhor e mais elevado. As crianças as compreendem; compreenderam-nas sempre, quando já não estejam corrompidas, quando não se sintam já espiritualmente separadas dos seus pais; compreendem-nas não por conceitos, mas, sim, com o fundo do seu coração. A religiosidade - a vida interior em Deus e com Deus em todos os momentos da existência, em todos os estados da alma - muito dificilmente se manifesta com a plenitude de sua energia, se não tiver sido despertada desde a infância. Pelo contrário, um sentimento religioso cultivado desde os primeiros anos sairá triunfante de todas as tempestades e perigos do mundo. Esse será o fruto dos primeiros exemplos paternos, quando a criança parecer não se fixar neles, quando a criança não se der conta de seu valor. O mesmo se passa com outra classe de exemplos dados pelos pais.

Isso não só se refere à educação religiosa, ao aperfeiçoamento do divino no homem, mas também tem uma importância extraordinária para toda sua formação geral. Em toda ela, convém considerar o desenvolvimento humano como uma evolução que se inicia desde o primeiro momento e que se desenvolve de maneira contínua e ininterrupta. Nada é mais prejudicial e destruidor que estabelecer, na sucessão constante de cada vida, etapas excessivamente separadas umas das outras, distinções e divisões que nos impedem de ver o que há de contínuo, de perene em cada evolução vital, o que constitui sua unidade e substância. Especialmente errônea é a separação das diversas fases de crescimento, das várias idades: menino e menina, adolescente, jovem e moça, homem e mulher, ancião e anciã. Tais fases não estão realmente separadas; a vida nos ensina que não há descontinuidade entre umas e outras, mas que essas fases formam uma sucessão realmente indivisível. Quando se considera o menino, ou o garoto, como um ser inteiramente distinto e separado do adolescente ou do adulto, há o perigo de esquecer o comum: o homem.

Assim, não vemos o fundamentalmente humano na vida real, limitando-nos só a um frio conceito, a uma vã palavra - erro frequente que se exterioriza nas conversas vulgares. Já entre a criança e o adolescente estabelece-se uma separação absoluta - as etapas posteriores antecipam algo absolutamente distinto dessas primeiras. O jovem já não vê dentro de si a criança, nem a criança se descobre no adolescente; o jovem, tendendo a olhar o futuro, esquece-se do adolescente e da criança que dentro dele existiram e não sabe ver na criança e no adolescente as premissas da juventude. Porém, o pior é que o homem adulto se desligou totalmente de suas idades anteriores: não reconhece em sua pessoa a criança, o adolescente e o jovem, e fala deles, como se tratasse de outros seres de natureza inteiramente distinta.

Essas divisões, esses limites rigorosamente estabelecidos entre os sucessivos momentos do desenvolvimento humano são originados, geralmente, por não terem prestado, desde o início, uma incessante atenção ao que se passa no curso da própria vida, e, por isso, são causa de constantes erros, de inúmeras perturbações, de obstáculos mais fáceis de assinalar do que de evitar. Só naturezas excepcionalmente privilegiadas conseguem sobrepor-se a esses obstáculos, a esses entraves impostos de fora pelo meio exterior em que vivem; mesmo os vencendo, não será sem uma brusca decisão, sem uma atitude violenta que estorvará e, muitas vezes, destruirá outras manifestações do espírito. Por isso, o homem que tenha lutado com tais obstáculos descobre sempre uma certa violência interior, uma certa falta de espontaneidade.

Tal violência não ocorreria se os pais considerassem as crianças em relação com as sucessivas idades e etapas da vida; não passassem por cima de nenhuma delas; se tivessem, sobretudo, presente que a energia e a perfeição do desenvolvimento em cada período dependem de todos e de cada um dos períodos precedentes. Isso é o que, com muita frequência, esquecem os pais. Pensam que a criança é um adolescente quando chega à idade de tê-lo, que é um jovem ou um adulto quando alcança aquele número de anos que respectivamente se supõe para essas denominações. Porém, o adolescente não é adolescente, nem o jovem é jovem porque completaram determinada idade, senão porque em corpo e alma passaram, ponto por ponto, toda a evolução da infância ou da adolescência. Tampouco, o homem chega a ser adulto por contar tantos ou quantos anos: é-o por ter vivido e acumulado as experiências da infância e da mocidade.

Há também pais - muito dignos de elogios em outros aspectos - que educam a criança para que ela se comporte já como um juvenzinho, e

alguns para que o adolescente se manifeste como um homem formal, saltando por cima de etapas necessárias e essenciais. Disse-se antes que os pais deviam ver na criança o adolescente e o futuro homem; porém, vê-los e considerá-los, em princípio, como uma criança é algo totalmente diferente de ver e tratar a criança como homem, exigindo dela que precocemente se conduza. Os pais que têm tais exigências esqueceram que eles chegaram a ser bons pais e bons homens na medida em que antes viveram conforme a natureza dos diferentes períodos de sua existência, desses períodos que agora, crêem, deveriam suprimir de seus filhos.

Esse critério, essa tendência em depreciar os primeiros estágios de desenvolvimento criam logo dificuldades quase insuperáveis aos professores e educadores. Parece, então, que pode passar-se também por cima do ensino correspondente àqueles primeiros anos e, portanto, nada é mais prejudicial para o garoto que lhe propor prematuramente um fim exterior, preparando-o, por exemplo, para uma determinada atividade, para o desempenho de um determinado emprego. Nem a criança, nem o jovem, nem o homem devem ter outra aspiração senão a de serem em cada período da vida o que esse período exige. Será, então, cada uma das etapas como flor nova saída de brotos saudáveis. Cada etapa servirá de base às seguintes para dar-lhes o que elas pedem até chegar à plenitude: só um desenvolvimento suficiente em cada idade assegura o desenvolvimento pleno na idade seguinte.

Disso dependerá o estímulo a ser dado para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da atividade criadora, da produção de obras exteriores, do trabalho. No entanto, os homens têm hoje uma concepção falsa e superficial do trabalho, da atividade, da produção; por isso, o trabalho não se estende à vida, nem a envolve como um princípio vivificador - apenas é algo que pesa, oprime, rebaixa, estorva e mata.

Deus trabalha e produz eternamente. Cada pensamento divino se traduz numa obra, numa ação, numa criação. Cada pensamento divino se manifesta, se exterioriza como energia criadora até a eternidade. Quem duvida contemple a vida e a atividade de Jesus, contemple a verdadeira vida e a verdadeira atividade humana; contemple se de veras vive - sua própria vida e sua própria atividade.

O espírito de Deus flutuou sobre o caos do indefinido e, removendo-o, deu-lhe forma, aparência, existência e vida às pedras e plantas, animais e homens. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Por isso, o homem deve trabalhar, deve criar o mesmo que Deus. O espírito humano há de flutuar também sobre o indefinido e sem forma e, removendo-o, há de produzir aparência e forma, exteriorizando, assim, o que consti-

tui o fundo da essência e da vida do homem mesmo. Nisso consiste o sublime sentido, a profunda significação, a grande finalidade do trabalho, da atividade, da ação e da criação - palavra considerada a mais adequada. A nossa atividade, todos os nossos atos e obras - sejam acompanhados da convicção clara ou, pelo menos, de um vago pressentimento, de uma intuição imediata e viva - são exteriorizados a partir do nosso interior: damos corpo ao espiritual, forma à idéia, realidade ao ideal e existência positiva, finita e transitória ao princípio eterno que vive dentro de nossa alma. Dessa maneira, seremos verdadeiramente semelhantes a Deus e nos elevaremos por essa mesma semelhança a um conhecimento cada vez mais puro da divindade, a uma contemplação de sua essência, aproximando-nos, ao mesmo tempo, externa e interiormente, do supremo Criador.

Nesse sentido, também é eternamente verdadeira a frase de Jesus "Dos pobres é o reino dos céus", porque só eles compreendem todo o valor do trabalho, da atividade criadora. Também das crianças é o reino dos céus. As crianças se entregam com ingênuo entusiasmo a seu espontâneo instinto de atividade, quando não são perturbadas pela ignorante suficiência dos maiores. Não se pode admitir - apenas suportar - a idéia vulgar e deprimente de que o homem trabalha, produz, cria só para exteriorizar seu espírito, o que tem de divino, adquirindo, assim, consciência de sua própria natureza espiritual e divina e da mesma natureza de Deus. O pão, a casa ou as roupas que obtém constituem o acréscimo, o complemento insignificante. Por isso, disse também Jesus: "Busca primeiro o reino de Deus - ou seja, a manifestação do divino em vossa vida e por meio de vossa vida -, e todos os demais, o que para esta vida temporal faz falta, se os dará por acréscimo." E Jesus disse assim: "Este é o meu sustento, fazer a vontade de Deus, executar fielmente o que Deus me confiou." Os lírios do campo, que na nossa percepção não trabalham, foram vestidos por Deus mais belamente do que pôde Salomão adornar-se com toda sua magnificência. Mas por que os lírios não dão pétalas e flores, expressando e revelando em todas suas manifestações Deus e a essência divina? Os pássaros do céu, no nosso entendimento, não semeiam nem trabalham; porém, quando cantam, quando fabricam seus ninhos, quando nos mostram em mil e uma ações diferentes, não expressam o espírito, a vida que Deus lhes deu? Por isso, Deus os sustenta e alimenta. Os lírios do campo e as aves do céu devem ensinar-nos a manifestar o que Deus depositou em nossa alma, exteriorizando-o em atos e em obras, em formas materiais, de maneira que exija o tempo e o lugar, as condições e circunstâncias, que tornam, então, tão pequena essa manifestação, que nos apresentam como de extraordinário valor e transcen-

dência. E quanto ao nosso sustento, estamos seguros de que Deus há de mostrar-nos mil caminhos para que, empregando nossa energia espiritual, escolhamos um que nos permita satisfazer nossas necessidades materiais. Mesmo que todo o exterior nos falte, se soubermos suportar essa falta e nos sobrepusermos resignadamente a ela, não diminuirá, antes deverá acrescentar-se a energia divina que podemos desenvolver. Todas as manifestações de nosso espírito, visto que se produzem no finito, aparecem sucessivamente no tempo, ordenando-se em uma série. Por isso, é inevitável que, em qualquer momento próximo ou remoto de nossa vida, deixemos ou de traduzir em obras nossa energia - concebida como energia divina - ou, pelo menos, de dirigi-la para a ação; logo nos encontraremos com alguma falta, com alguma dificuldade, com as coisas que não são como haviam sido - se, fiéis à nossa vocação, houvéssemos empregado sempre todas as energias espirituais, considerando-as como verdadeiramente divinas. Portanto, as leis que governam nossa existência exigem que, de um momento a outro, apareça o resultado de cada atividade. E, se a atividade faltou, que resultado ou que fruto poderá produzir? Quando nos encontramos nesse triste caso, devemos recorrer a outro aspecto de nossa energia moral, à resignação, sobrepondo-nos à desgraça e preparando-nos resolutamente para evitar outras situações análogas no futuro.

Há, pois, um duplo fundamento, um duplo motivo interior e exterior - e como o primeiro encerra o segundo, um motivo transcendental, eterno - para que o homem, desde que nasce e começa a desenvolver-se, aprenda quanto antes a trabalhar, a produzir, a manifestar sua atividade em obras exteriores. Assim o exige, considerada em si mesma, a natureza humana. A atividade dos membros e dos sentidos da criança de berço é a primeira manifestação, o botão, a primeira tendência ao trabalho. Depois desse botão, vêm as frescas e delicadas flores do jogo, a modelagem e a construção. Esse é o momento melhor para educar a criança no sentido de sua atividade futura. Todas as crianças, todos os adolescentes e jovens, sem nenhuma exceção, quaisquer que sejam sua situação e sua classe, deveriam empregar pelo menos uma ou duas horas diárias em um trabalho sério, na produção de objetos determinados.

Hoje a criança, o homem, aplicados ao trabalho intelectual, são absorvidos pelo conhecimento, pelo que carecem de configuração material e exterior, descuidando demais do trabalho manual; assim, a educação por meio do trabalho, por meio da vida, é a mais direta e exequível, a mais própria para se desenvolver de maneira viva tudo o que o homem é e possui. Tanto os pais como as crianças consideram o trabalho propriamente dito como algo prejudicial para sua personalidade e inútil para o

futuro. Os estabelecimentos de ensino e a educação deveriam esforçar-se em avaliar os males que se originam desse falso conceito. A educação atual, na casa e na escola, acostuma a criança à inanição física e à preguiça. Que soma de energias se quer desenvolver? Quanta força perdida! Seria muito conveniente que as lições atuais dedicassem algumas horas ao verdadeiro trabalho. Assim se fará um dia, porque hoje, diante desse desenvolvimento incompleto da energia humana - orientada só para finalidades exteriores - se perde a verdadeira medida da mesma; por isso, não se tem dela um conhecimento exato, uma apreciação suficiente.

Assim como importa começar quanto antes a educação religiosa, importa igualmente não atrasar a educação para o verdadeiro trabalho. Uma primeira atividade, adaptada à íntima significação do trabalho, robustece e eleva os sentimentos religiosos: religião sem atividade contém o perigo de converter o homem em um burro de carga. Trabalho e religião marcham juntos; juntos nasceram: Deus, o Eterno, criou-os desde a eternidade. Que progresso se realizaria se os homens se convencessem dessa verdade, nela penetrassem e, de acordo com ela, trabalhassem na vida! Porém, a energia humana deve não só se desenvolver e atuar - repousar em si mesma, como quando se manifesta na religião, e produzir fora, como quando se trata do trabalho, mas também se voltar sobre si, interiorizando-se em forma de economia, sobriedade e moderação. Falar em acrescentar algo mais para o homem que se tenha encontrado alguma vez em si mesmo? Onde se realiza, em sua primitiva unidade, esta trindade inseparável - religião, trabalho e moderação - ali está o céu na terra. Ali estão a paz, a alegria, a salvação e a bem-aventurança.

Tentemos ver o homem na criança; consideremos a vida do homem e da humanidade na infância. Reconheçamos na criança o germe de toda a atividade futura do homem. Assim deve ser. Para que o homem se desenvolva totalmente na sua humanidade, é preciso que se veja na criança, reduzida à unidade, à totalidade das relações e dos aspectos da existência. Porém, a unidade não pode manifestar-se mais que se desdobrando em múltiplas singularidades, e essa pluralidade de manifestações se expressa por uma sucessão, por uma série. Por isso, o mundo e a vida se desenvolvem na criança e para a criança só em forma de particularidades, só em série. E é necessário, também, que as diversas energias, as atitudes, as várias atividades dos membros e sentidos sejam desenvolvidos e educados naquela mesma necessária sucessão, naquela mesma ordem em que aparecem para a criança.



■ A primeira infância

A pesar de composto dos mesmos objetos e de uma mesma relação, o mundo começa a sair do nada para a criança como uma forma nebulosa, como uma confusão caótica. O mundo exterior e a criança se confundem: entre eles não se pode estabelecer uma distinção precisa. Essa separação só começa a manifestar-se quando os objetos se destacam por meio da palavra, que vem - sobretudo dos lábios da mãe e do pai - distinguir progressivamente para a criança o seu próprio ser e o mundo exterior, mostrando-lhe a pluralidade de suas manifestações. Dessa maneira, a criança passa a adquirir consciência de si mesma - como uma coisa claramente separada, completamente distinta das outras.

Assim, na alma de cada criança - na experiência de cada criança, no ritual de sua evolução, na história do desenvolvimento de cada consciência humana, desde que aparece sobre a Terra - se repete e reproduz a história da criação de todas as coisas, tal como nos contam os livros dos santos, até o momento em que o homem se reconhece a si mesmo no meio do paraíso terreno, na formosa natureza estendida também ante os olhos da criança. Mais tarde, reproduz-se também, essencialmente em cada criança, o momento que foi o princípio da liberdade moral da razão em toda a espécie humana, criado precisamente para a liberdade. Qualquer homem - e em especial qualquer que atentamente considere a evolução de sua própria alma - pode seguir na alma toda a história da espécie humana até um determinado momento, ou até o momento atual. Convém para ele, o quanto antes e para sempre, aprender a reconhecer e considerar o mesmo em sua própria vida, a qual evolui segundo as leis divinas. Só por esse caminho o homem compreenderá a história - a história da humanidade e a sua própria, de seus atos e manifestações, de seu coração e espírito; só assim compreenderá os demais; só assim o pai e a mãe compreenderão o seu filho.

Exteriorizar o interior, interiorizar o exterior, unificá-los ambos, é essa a fórmula geral do destino do homem. Por isso, os objetos exteriores excitam o homem para que os conheça em sua essência e em suas relações; para os objetos, o homem está dotado de sentidos, isto é, de instrumentos com os quais pode interiorizar as coisas que o rodeiam. Porém, ao se

compararem objetos de diferentes espécies e, entre eles, encontrar diferenças ou semelhanças, mais perfeito será o conhecimento de um objeto e melhor será a comparação com seu oposto e a unificação dos dois.

Os objetos do mundo exterior se opõem ao homem de uma maneira mais firme ou mais fluida ou mais aérea. Portanto, acha-se o homem dotado de sentidos para o firme, o fluido e o aéreo. O sentido para o aéreo se manifesta nos órgãos do ouvido e da vista; o sentido para o fluido, nos órgãos do gosto e do olfato; o sentido para o firme, nos órgãos da sensibilidade geral e do tato. Além disso, cada objeto se apresenta em repouso ou em movimento; por isso, cada um desses sentidos se subdivide em dois órgãos inteiramente distintos, destinados ao conhecimento dos objetos em repouso ou em movimento.

Segundo a lei do conhecimento das coisas por seus opostos, na criança desenvolve-se primeiramente o sentido do ouvido e, logo, excitado e ajudado por esse, o sentido da visão. Para que ocorra o desenvolvimento desses dois sentidos, é necessário que os pais e educadores ajudem a criança a relacionar os objetos com os seus opostos, com a palavra e logo com o signo que os representa, fazendo-a ver nessa relação uma verdadeira unidade e guiando-a, assim, à intuição e, mais tarde, ao conhecimento dos objetos. Com o progressivo desenvolvimento dos sentidos, também se desenvolve o uso dos membros, o exercício do corpo, de acordo com a natureza física do homem e com as propriedades gerais do mundo material.

Quando os objetos do mundo exterior estão próximos da criança e em repouso, eles influenciam a criança a descansar; quando se movem e se distanciam, impulsionam-na a alcançá-los e a apoderar-se deles; quando, enfim, se põem quietos, porém em lugar distante, convidam a quem queira aproximar-se deles a pôr-se também em movimento para conseguí-los. Assim se desenvolve, pouco a pouco, o emprego dos membros: a criança aprende a sentar-se e a levantar-se, a agarrar e a abraçar, a andar e a saltar. O uso perfeito de todos os membros se dá na posição vertical quando a criança está em pé - estar em pé é achar o centro da gravidade de nosso corpo. Esse momento da evolução tem tanta importância como teve, no momento anterior, o sorriso - expressão física de que a criança se dava conta de si mesmo - e como haverá de ter, na última fase do crescimento, a plena consciência moral e religiosa, que, por sua vez, é algo como o erguer-se, o pôr-se em pé do espírito humano.

Nesse momento, no entanto, importa tão-somente o exercício do corpo, de seus membros e sentidos, prescindindo do que esse exercício resulte. As conseqüências da atividade são, para a criança, indiferentes e

irreconhecíveis. O que a criança faz é começar a julgar os objetos com seus próprios membros, com suas mãos, seus dedos, seus lábios, sua língua, seus pés e até com seus gestos e olhares.

Nesse jogo, nesses movimentos do rosto e de todo o corpo, não há que buscar, em princípio, nenhuma manifestação exterior da essência interna da personalidade, manifestação que não aparece até a etapa seguinte. Convém vigiar os movimentos para que a criança não se acostume a mover demais o corpo e, sobretudo, o rosto sem nenhum motivo interno; não se desfigure com caretas e contorções da boca e dos olhos; não estabeleça, logo, uma espécie de separação entre seus sentimentos e seus atos, entre o espírito e o corpo, entre o interior e o exterior. Se essa separação for feita, a criança pode contrair o vício da hipocrisia, ou habituar-se a certos movimentos e atitudes muito difíceis de serem suprimidas voluntariamente - que, por isso, podem sobrepor-se ao homem como uma espécie de máscara durante toda a vida.

Portanto, a princípio, não é prudente abandonar muito tempo as crianças no berço sem dar algum objeto exterior à sua atividade. Deve-se evitar a lentidão do corpo, que leva inevitavelmente à frouxidão do ânimo. Assim, convém que a cama da criança seja, desde os primeiros momentos, pouco macia - não de plumas, mas de feno, de palha miúda ou de crina - e que a criança não seja excessivamente coberta, impedindo a circulação do ar puro. Para que a criança, ao despertar, não se encontre inteiramente inativa no berço, será bom colocar à sua vista uma gaiola com pássaros, que, com seus movimentos e cantos, cativem os sentidos e alimentem a sua atividade espiritual.

O menino

Desenvolvida a atividade dos membros e dos sentidos, o menino começa, espontaneamente, a exteriorizar seu interior, entrando na segunda fase do seu desenvolvimento. Na primeira, no entanto, o interior do homem constituía uma unidade indiferenciada e sem aspectos múltiplos. Com a linguagem, principia a manifestação do interno do homem, a diferenciação e a pluralidade de meios e fins. Desdobra-se, subdivide-se o interior e tende a manifestar-se, a revelar-se. Nesse período do crescimento humano, que se constitui na infância propriamente dita, o homem aspira, com sua própria energia, a expressar o que leva dentro de si e dar-lhe forma definitiva.

Com essa exteriorização do interior, com a tendência a reduzir o exterior e o interior a uma unidade, a educação deve ser iniciada, continuando cada vez mais intensamente o cuidado físico e a formação moral. Nesse período, a educação do homem corresponde inteiramente à mãe, ao pai, à família, e o homem depende dessa família, e com ela, por natureza, forma um todo inseparável e indivisível; a linguagem, a fala, apresenta-se como algo inseparável do homem: não é considerada como coisa independente e, por isso, confunde-se com a linguagem dos braços, dos olhos, da língua.

Na realidade, entre os diferentes períodos do crescimento e da educação do homem, não se pode estabelecer nenhuma ordem rigorosa de pré-relação: todos são igualmente importantes em seu lugar e tempo. No máximo, admitiremos que os primeiros, o primeiro sobretudo, têm maior importância. No entanto, é esse segundo período de um valor excepcional, porque abarca os primeiros intentos de relação com o ambiente e o mundo exterior, os primeiros esforços para a interpretação e conhecimento desse e para a compreensão de sua própria natureza interna. É da maior transcendência porque importa, sobremaneira, decidir se o homem que se está formando verá as coisas em sua verdadeira relação ou em relações falsas e distorcidas; se considerará o mundo como algo móvel ou imóvel; como algo baixo, morto, próprio só para ser utilizado, explodido ou destruído, para ser gozado, ou com uma finalidade superior, como algo elevado e vivo, como algo animado, espiritual e divino; como algo resplan-

decente ou como algo sombrio; como algo que dignifica e levanta ou como algo que oprime e envelhece.

O menino deve, nesse segundo período, observar bem todas as coisas, deve também aprender a designá-las com a mesma exatidão, mostrando sua natureza e propriedades. Deve designar as relações das coisas entre si e com o espaço e o tempo, cada um com seu verdadeiro nome, com a palavra precisa, e cada palavra será clara e precisa através de seus elementos: tom, pronúncia e sentido. Nessa fase de crescimento, exigimos da criança que nomeie os objetos com toda pureza, clareza e exatidão: é também absolutamente necessário que tudo que a rodeia se apresente puro, claro e exato - este último é condição inseparável do primeiro, para que possa observá-lo e reconhecê-lo. Para a criança, nesse momento de sua evolução, não só a linguagem se identifica com o homem que fala como também os nomes e palavras vêm a ser uma mesma coisa com os objetos denominados. Assim, não se acham diversificados nem separados a palavra e a coisa, a matéria e o espírito, o corpo e a alma.

Isso se vê, sobretudo, nos jogos das crianças. No período a que nos referimos agora, o jogo e a linguagem constituem os elementos por meio dos quais a criança vive, atribui a todas as coisas vida, sensibilidade e palavra. Fala como se todos a ouvissem, porque a criança começa a exteriorizar o seu interior, e faz a mesma atividade com as coisas que a rodeiam - pedra ou tronco, planta, flor ou animal. Dessa maneira, à medida que se desenvolve a vida da criança em geral, sua vida com os pais e a família, a vida como algo invisível, comum ou superior a todos, desenvolve-se também, especialmente, sua vida na natureza e com a natureza, à qual atribui uma vida análoga à sua. E esse contato com a natureza, com o repouso e a claridade dos objetos naturais deve ser cultivado pelos pais e pela família como um dos pontos mais importantes na formação geral da criança. Com esse fim muito particular, deve-se atentar aos seus jogos, porque o jogo, em princípio, não é outra coisa que vida natural.

O brincar, o jogo - o mais puro e espiritual produto dessa fase de crescimento humano -, constitui o mais alto grau de desenvolvimento do menino durante esse período, porque é a manifestação espontânea do interno, imediatamente provocada por uma necessidade do interior mesmo. É, ao mesmo tempo, modelo e reprodução da vida total, da íntima e misteriosa vida da natureza no homem e em todas as coisas. Por isso, engendra alegria, liberdade, satisfação e paz, harmonia com o mundo. Do jogo, emanam as fontes de tudo que é bom. O menino que joga tranquilamente, com atividade espontânea, resistindo à fadiga, chegará seguramente a ser um homem também ativo, resistente, capaz de sacrificar-se

pelo seu próprio bem e pelos demais. Esse período não é, pois, a mais bela manifestação da vida infantil em que a criança joga e se entrega inteiramente ao seu jogo?

Como já se disse, não se devem considerar os jogos infantis como coisa frívola e sem interesse. As mães devem intervir nos jogos, assim como o pai deve observá-los e vigiá-los. Para um observador, verdadeiro conhecedor do coração humano, toda a vida interior do homem futuro está já presente nos jogos espontâneos e livres desse momento da infância. Os jogos dessa idade são os germes de toda a vida futura, porque ali o menino se mostra e se desenvolve por inteiro em seus variados e delicados aspectos, em suas mais íntimas qualidades. Toda a vida futura do homem - até seus últimos passos sobre a terra - tem sua raiz nesse período. Dele depende que sua vida seja serena ou angustiada, doce ou turbulenta, ativa ou pesarosa, fecunda ou estéril, cheia de fatos irrelevantes ou de obras brilhantes, educadora ou corruptora, que se desenvolve com visão clara do mundo ou com torpe indiferença, que produza discórdias e lutas ou convide à confiança e à paz. As qualidades naturais da criança e, sobretudo, sua maneira de viver nessa idade influirão depois inevitavelmente nas suas relações com o pai e a mãe, com os irmãos e a família, com a sociedade civil e a humanidade inteira, com a natureza e com Deus.

A vida do menino consigo mesmo, com os seus, com a natureza e com Deus se mantém em estreita união. Assim, não sabe se são as flores que lhe agradam, ou se é sua própria alegria o que o encanta, ou se é alegria o que seus pais demonstram quando lhe dão atenção, ou se experimenta um obscuro pressentimento da existência de um amoroso Criador de todas as coisas. Quem poderia separar um por um desses motivos, confundidos em um vago sentimento de satisfação? Se não se atende devidamente à criança nessa fase decisiva de sua evolução, se se corrompem esses delicados germes de sua vida futura, a criança não chegará depois, senão com muito trabalho e extraordinários esforços, para ser o que deveria, e pode ser que não alcance inteiramente a obra da educação, pois não conseguirá mais que resultados fragmentários e incompletos.

Temos de dar real importância, durante esses anos da infância, às comidas e alimentos, pois não influem só na vida atual da criança; já é de conhecimento que a alimentação contribui para fazê-la ativa ou indolente, animada ou desanimada, débil ou vigorosa, rápida ou lenta. Além disso, a alimentação exerce uma positiva influência sobre todo o resto de sua vida, porque as impressões, as tendências, as paixões, as boas ou más disposições de seus sentidos e de suas energias morais determinam

toda formação do homem. Portanto, se essas inclinações não estiveram verdadeiramente integradas à vida física, espiritual ou às suas impressões e aos seus sentimentos, o homem adulto dificilmente saberá integrá-las. Convém, pois, que o primeiro alimento da criança, depois do leite materno, seja moderado e simples, sem mais refinamentos que os absolutamente necessários e, sobretudo, sem espécies demasiadas nem outros excitantes, nem excessivas gorduras, que poderiam prejudicar a atividade do organismo.

Os pais e os professores deveriam ter muito presente essa verdade geral da qual derivam muitos preceitos particulares. Quanto mais simples e sóbria, quanto mais adequada à verdadeira natureza humana tenha sido a alimentação, quanto menos necessidades tenham sido criadas, tanto mais vigorosa e feliz será a criança no futuro e mais frutífero resultará seu trabalho em todos os sentidos. Quem não tem observado freqüentemente instintos baixos, dos quais é difícil livrar-se, em jovens excitados pelos temperos e pelo excesso de comida? E quando mais tarde parece terem esquecido esses instintos, estão só cansados e esperam a primeira ocasião para voltar a apresentá-los, com dupla intensidade, rebaixando a dignidade do homem e afastando-o do cumprimento dos seus deveres. Não se esqueçam os pais de que a criança depende de certos cuidados - que parecem insignificantes - não só para sua felicidade pessoal, mas também para a da casa, da família e, em parte, da sociedade inteira. Porém, com freqüência, vemos a mãe ignorante, o pai não providente, que - por ministrarem indevidamente a seu filho veneno e mais veneno em todas as formas e maneiras, em alimentos estranhos, em comidas demasiado fortes, em quantidades excessivas que fadigam os órgãos da digestão, e por dar-lhes de comer em momentos inoportunos e só para distrair o aborrecimento de uma criança inativa - produzem uma artificial excitação física, uma excitação do corpo sem nenhum motivo espiritual que a justifique, debilitando e prejudicando assim o corpo mesmo. Há pais tão cegos que tomam a preguiça e o desânimo físico por uma verdadeira paz que lhes faz bem; confundem a inquietude e mobilidade do corpo da criança - produzidos não por influências espirituais, mas por um resultado de verdadeiro envenenamento, de uma nociva excitação - com a autêntica tonicidade vital e a saudável animação de um vigoroso crescimento.

O bem-estar, a felicidade e a salvação do gênero humano repousam sobre fundamentos sensíveis, muito mais sensíveis do que nós os mostramos. Todos temos meios suficientes para alcançá-los, porém, muitas vezes, não os identificamos, porque são tão sensíveis, tão naturais - pois estão tão próximos, tão fáceis de aplicar - que nos parecem insigni-

ficantes e indignos de nossa atenção. Buscamos muito longe a força que está em nós; só nós mesmos podemos nos salvar. E esta é a causa de que mais tarde se abatece todo nosso esforço para proporcionar aos filhos: dar-lhes as melhores coisas. Se conseguimos fazer isso, nunca é em toda a sua pureza e perfeição. Mesmo assim, os filhos o adquirem por si mesmos - não à custa de um pequeno sacrifício, mas pela educação que lhes foi dada durante sua infância. Se os pais não tivessem se preocupado com o cuidado do corpo, talvez os filhos não conseguissem atingir a felicidade, o bem-estar.

Quem dera que todos os pais pudessem ter, desde o princípio, experiência dessas coisas! Parecem pequenas, mínimas, insignificantes. E, no entanto, bastam para anular toda a obra posterior da educação. Se os pais compreendessem o quanto o educador tem de fazer para sanar os erros em que os pais incorrem, e com quantos escassos resultados o educador conta... Quem ignora a força com que se gravam as primeiras impressões recebidas na infância?

Para evitar esses erros, não esqueçamos isto: o alimento deve ser sempre um meio de vida - nem mais nem menos que um simples meio de vida, sem converter-se jamais em um fim em si mesmo - e subordinar-se sempre ao desenvolvimento das atividades físicas e espirituais. Com esse critério de que a comida seja só um meio para a vida sadia, pura e ativa, preocupar-nos-emos menos com sua qualidade, com seu sabor e refinamento - das propriedades que tendem a convertê-la em um verdadeiro fim, prejudicial para a saúde e o equilíbrio do organismo. Que a criança, pois, seja alimentada com coisas simples e modestas, em harmonia com sua vida e em quantidades adequadas à atividade física e espiritual que desenvolve.

Por outro lado, se se quer que o menino, o homem, nessa etapa do seu desenvolvimento, possa mover-se e julgar sem obstáculos, possa crescer e formar-se com liberdade -, convém também que suas roupas não estejam demasiadamente estreitas e apertadas, porque tais vestimentas apertam e oprimem igualmente o espírito do homem. Nem nessa idade, nem na seguinte, devem usar-se roupas que tendem a tirar do corpo sua unidade de movimentos, porque exercem um influxo semelhante sobre o espírito, sobre a alma da criança. Tampouco a vestimenta - seu corte, sua aparência, sua cor - constitua um fim em si mesmo; do contrário, contribuirá para que comportamentos frívolos e exteriores se manifestem, convertendo o ser humano em uma boneca, um fantoche. Porém, não deduzamos disso que as condições do vestir são indiferentes para a criança e para o adulto, nem em particular para o cristão: a vida de Jesus não foi

contraditória nem em retalhos - foi de uma peça como sua túnica: essa é a lei do cristão.

O fim e objeto da educação dada pelos pais, no ambiente e no círculo da família, consistem em despertar e desenvolver suficientemente tanto as energias e atitudes gerais como as especiais de cada um dos membros e órgãos do homem. Isso é o que o coração sensível da mãe faz espontaneamente, sem necessidade de aprendizagem ou doutrina. Porém, isso só não basta: é preciso que a mãe tenha consciência de que atua sobre outro ser que ainda não chegou, porém deve chegar à plena consciência; que tenha uma maneira reflexiva, derivando todas as suas manifestações de uma unidade interior e viva e encaminhando-as com toda intenção ao incessante progresso do homem. Sua própria atividade, aqui descrita, pode sem dúvida dar à mãe essa consciência da natureza, importância e unidade de todas as suas obras. Uma mãe sensível agirá de modo verdadeiro, completo e profundo, porém reflexivo: a imperfeição leva à perfeição. Quem dera que nossas palavras contribuíssem para o despertar de um amor materno, tranquilo e constante, sensível e razoável, e para excitar em todos a reflexão consciente sobre as múltiplas manifestações e a interna unidade do processo evolutivo da vida infantil!

"Vem, dá-me os bracinhos"... "Acêna-me tua mãozinha", assim se esforça a mãe carinhosa em mostrar à criança as diferentes partes de seu próprio corpo e o distinto uso de seus membros. "Mostra teu dedinho", esse é um dos mais acertados jogos - com que a mãe ingenuamente se diverte, que dá à criança a intuição e o conhecimento de uma coisa isolada, mas unida a ele. Com esses primeiros e mais exteriores fenômenos, o futuro homem inicia o processo de reflexão; assim, não têm menor valor outras diversões similares com as quais a mãe ensina a criança a conhecer aqueles outros membros que ele não pode observar diretamente: o nariz, as orelhas, os dentes ou a língua. A mãe lhe tira suavemente o nariz ou as orelhas, como se quisesse separá-las da face, e lhe diz, assinalando a ponta dos dedos: "Aqui tenho as orelhas, o narizinho". E a criança coça, em seguida, as orelhas ou o nariz e ri alegremente ao ver que as encontra em seu lugar. Aqui está o princípio do conhecimento de tudo aquilo que não pode ser visto nem apreciado pelos sentidos.

O objetivo desses jogos consiste em levar pouco a pouco a criança à consciência de si mesma, à futura reflexão sobre si mesma. Um garoto de dez anos, que já tinha começado seus estudos e que recebera antes a mesma educação natural, dizia uma vez sozinho e crendo que ninguém o escutava: "Meu braço não é eu; minha orelha tampouco; cada um dos meus membros e sentidos pode ser separado de mim, e, no entanto, eu

continuarei sendo o mesmo. Quem sou eu, pois? Quem é propriamente este a quem eu chamo eu?" O mesmo faz com o seu nenê a mãe carinhosa quando lhe diz: "Mostra-me teus dentinhos? Onde está tua língua? Morde aqui com teus dentinhos?" Ao mesmo tempo o habitua ao uso desses membros. "Mete aqui teu pezinho." Ou melhor: "Aqui está enfiado teu pezinho", retirando a meia ou o sapato. Assim, o amor materno vai ampliando, pouco a pouco, o pequeno mundo exterior da criança, levando-a do unido ao separado, do próximo ao remoto. A mãe o conduz, primeiro, à intuição dos objetos e das relações no espaço, para fazê-lo conhecer, depois, suas propriedades, já por seus efeitos, mais tarde considerados em si mesmos. "A luz queima", diz a mãe, trazendo suavemente o dedo de seu filho à chama até que sinta o calor, porém sem queimá-lo na realidade, para preveni-lo contra o perigo desconhecido do fogo. "A faca corta", a mãe previdente aperta de forma branda a mão da criança contra o fio da faca. "Esta sopa queima". Mais adiante, começa a mãe a chamar a atenção da criança sobre o duradouro, o permanente da qualidade que produz tais fenômenos ou sobre o fundamento desta: "A sopa está quente, queima." "A faca está afiada, corta e fere: não a toque." Dessa maneira, a mãe conduz seu filho desde o conhecimento do efeito ao da causa permanente, da qualidade constante de uma coisa: cortante, pontudo, enfim, desde o conhecimento da qualidade à consideração do efeito: cortar, fincar, considerando em si mesmo e sem necessidade de experimentar diretamente a sensação, o efeito.

Em seguida, a mãe faz o menino observar e sentir suas próprias ações, para elevá-lo, pouco a pouco, à intuição das ações em si mesmas. Assim, em cada ato, e unindo sempre o ato à palavra que o representa, diz a que educa ternamente seu filho: "Abre tua boquinha", enquanto oferece o que comer. Ou enquanto o lava: "Fecha teus olhinhos". Também o ensina a conhecer a finalidade da sua ação. Por isso lhe diz, enquanto o embala: "Dorme, dorme." Ou enquanto põe a colher na sua boca: "Come." E, para que repare a sensação do gosto na relação dos alimentos com seu corpo: "Este, sim, que sabe bem". Analogamente, para que a criança fixe o perfume das flores, a mãe o aspira de modo ostensivo e diz logo: "Que bem cheiram! Vem, cheira também." Ou, ao contrário, dá ao seu nariz e à sua cara uma expressão de desgosto e tira as flores desagradáveis de perto da criança. Por tão sensíveis caminhos, a mãe, só com seu filho, para que olhares indiscretos não atrapalhem a santidade desses momentos, ensina-o da maneira mais natural a pôr em atividade completa todos seus membros e sentidos.

A nossa pretendida sabedoria, no entanto, impede-nos de atentarmos para essas coisas, por sua vez naturais e divinas, que constituem o princípio de todo o desenvolvimento humano. Portanto, não consideramos a verdadeira luz e, desconhecendo o princípio, perdemos também o fim e a verdadeira direção. Distantes, então, de Deus e da natureza, buscamos conselhos na presunção e no gênio dos homens, levantando, assim, castelos de cartas. Porém, não deixamos lugar à obra maternal da natureza, à ação de Deus e à mais leve manifestação espontânea da criança; de um sopro de sua alma ansiosa de vida e de liberdade, derivam esses castelos instáveis. Assim, empenhamo-nos em que se sustentem em pé e a criança há de estar atada, senão corporalmente, pelo menos em espírito.

E agora digamos uma palavra sobre o quarto das crianças, sobre essa habitação que os pais, que se consideram sábios e ilustrados, lhes relegam, sem que suspeitem o quanto deve a criança ser estimulada e educada desde o início. Também não sabem que tudo que a criança chega a ser está já nela potencialmente - quando a criança chegar a ser educada com sucesso, será tão-somente um desenvolvimento de sua própria natureza. Como está triste, como está frio tudo no quarto de uma criança? Em resumo, se ouvem ali estrépitos e gritos. Por quê? Porque a mãe falta. Não; não é o quarto da mãe; é somente o quarto das crianças. "Ah!", ouvimos dele. Não queremos permanecer numa casa em que o quarto das crianças e o quarto da mãe não se confundem, mas, sim, no qual mãe e filho não são uma mesma coisa. Pensemos, ao contrário, naquela mãe que, por maldade, abandona seu filho em mãos alheias; contemplemo-la, ouçamo-la quando mostra à criança os seres que se encontram ao seu redor: "Escuta: o passarinho canta. O cachorro faz au, au". E logo leva a criança às formas das coisas, aos seus nomes, do exercício do ouvido ao da vista: "Onde está o pássaro que canta? Onde está o au-au?" Assim, passa a mãe da intuição dos objetos unidos às suas propriedades para a intuição isolada da propriedade: "O passarinho voa", disse primeiro a mãe, ensinando à criança o vôo de um pássaro real. "Olha o passarinho", assinala mais tarde, mostrando-lhe o reflexo vago de um espelho ou da água que se move. E, para fazer a criança compreender que agora se trata de uma simples aparência que não tem nada de comum com o pássaro além do movimento, exclama: "Traz-me, traz-me o passarinho", conduzindo, assim, seu filho a que tape com a mão a mancha de luz. Também, para facilitar-lhe a intuição do movimento em si mesmo, diz-lhe: "Aqui, ali: pim, pam"... enquanto o faz ver as oscilações do pêndulo.

De maneira análoga, a mãe ensina ao seu filho as mudanças das coisas. Mostra-lhe uma luz: "Aqui está a luzinha". Ao retirá-la: "Se foi a luzinha". Ou melhor: "Vem papai". "Papai se foi". Leva-a a fixar-se, igualmente, no movimento espontâneo dos seres: "Vem, vem, gatinho, vem com o nenê". "O gato fugiu". Excita, ao mesmo tempo, a atividade física da criança: "Toma esta flor". "Vê se alcança o gatinho". E também: "Corre, corre atrás da bola".

Não se esqueça a mãe carinhosa de despertar na criança o sentimento de sua relação com o pai e os irmãos. Diz-lhe: "Acaricia teu pai". Põe suavemente a mão da criança sobre as bochechas de seu pai, enquanto exclama: "Ai, ai, que bom é o papai!". E da mesma maneira: "Acaricia tua irmã". "Quanto quero a minha irmãzinha".

Esse sentimento de comunidade é o princípio de tantas virtudes: a procura do amor materno, que a tudo atende, desperta na criança a consciência de sua própria vida mediante o movimento e, sobretudo, mediante o movimento regular, ordenado e rítmico. Por exemplo, as crianças, ao serem embaladas no ritmo de uma música, respondem a esse movimento. Através dessa intuição, a mãe possibilita que a criança, pouco a pouco, se manifeste, fortificando e despertando cada vez mais energias que dormem no fundo de sua alma e de seu organismo. Os demais se contentam em proporcionar à criança ávidas doutrinas, mera instrução e, crendo trazer-lhe a vida, o fazem de modo tão falso que lhe dão a morte. Assim, descuidam do cultivo, sensível e natural, do ritmo, do regular e do harmônico - através dos quais ele pode aproveitar todas as manifestações da vida humana e servir, por sua vez, de meio e auxiliar poderoso, no ensino da linguagem e da música. Poucos o apreciam em seu verdadeiro valor; menos ainda são os que o utilizam cultivando-o na vida, apesar da influência que tem para a educação e o desenvolvimento humano.

O movimento ordenado e rítmico, se aprendido, redundará em efeitos benéficos durante toda a vida da criança e do homem. Assim, se os exercícios de ritmo formassem parte da primeira educação, muito ganhariam os educadores, e, mais ainda, a criança, como aluno e como ser humano. Logo, a criança se acostumaria a uma vida também rítmica, ordenada e de ações. Haveria maior moderação, maior harmonia em toda sua conduta. Mais tarde se desenvolveria num superior sentido para a natureza e para a arte, para a música e para a poesia.

Também a mãe cuidadosa conhece, por instinto, o valor do canto para as crianças pequenas, sobretudo quando adormecem. Especialmente os educadores deveriam atentar para isso, desenvolvendo as primeiras manifestações de futuras atitudes e o talento para a música e para ativi-

dades espontâneas da criança. O mesmo sucede com a linguagem: é frequente observar que crianças educadas dessa maneira têm logo uma grande facilidade de falar e de empregar as palavras, aplicando-as à designação de novos conceitos ou de relações e qualidades de que até então não se haviam dado conta.

Por exemplo: uma menina ainda muito pequena, educada com esse espírito sensível e puramente maternal, disse em certa ocasião, depois de observar e apalpar atentamente as folhas de uma planta coberta com uma penugem fina e abundante: "Olha, mamãe, que charmosas!" A mãe não recordava haver chamado nunca a atenção de sua filha acerca de semelhante qualidade. Outra vez, essa mesma menina viu, em uma noite serena, duas estrelas resplandecentes que estavam muito juntas na imensidão do céu: "A estrela de papai e a estrela de mamãe!", gritou, alegremente, no silêncio da noite, sem que a mãe pudesse compreender como havia despertado na mente infantil aquela associação de idéias.

Para sustentar-se em pé, para andar, não é necessário dar à criança cestas de vime, em que as crianças aprendem a andar, nem andadores: deve pôr-se em pé quando tem forças para isso, quando puder manter por si só o equilíbrio, e deve andar quando, sem auxílio exterior, puder conservar esse equilíbrio e avançar espontaneamente. Antes que se ponha em pé, é preciso que saiba sentar-se devidamente, aprendendo logo, pouco a pouco, a levantar-se e sustentar-se, agarrando-se a algum objeto próximo e atirando para cima o seu corpo; e não deverá andar até que saiba arrastar-se, engatinhar e pôr-se em pé por seu próprio esforço. Para que se vá exercitando, a mãe, no início, ajudá-la-á um pouco, estimulando que venha a seus braços. Logo a criança se dará conta de suas crescentes forças e, com viva satisfação, mostrará seus pezinhos, repetindo com gosto o que anteriormente fez. Primeiro, anda só por andar, pratica a arte pela arte; em pouco tempo, porém, a arte já não lhe interessa: anda facilmente, quase sem sentir e notar, e então se move atraída pelas coisas exteriores; busca uma pedra lisa e brilhante, o papel colorido que se move, o pedaço de madeira retangular, triangular ou quadrado, os ramos flexíveis que podem entrelaçar-se, sobrepor-se e combinar-se, a folha que lhe chama atenção por sua forma, cor, disposição ou brilho. Diante de todos os movimentos recém-aprendidos de seus membros, procura apropriar-se de todas essas coisas, reunindo as semelhanças e separando as diversidades. A criança que apenas sabe manter-se em pé vê que, à custa de mil esforços, consegue dar uns poucos passos. Um botão, uma espiga chamam sua atenção; então, esforça-se em arrancá-los, volta ligeiro com sua carga como volta ao ninho, na primavera, um passarinho que começa a

voar. Vê-o ali à sombra da casa, inclinando-se trabalhosamente, caminhando muito devagarzinho. A chuva, ao cair do telhado, fez sair da terra pedras pequenas e lisas de várias cores. A criança as observa atentamente, amontoa-as com o maior cuidado, como se constituíssem o material precioso de um futuro edifício. Acaso está equivocada? Não é assim a realidade? Por acaso, o menino não junta os materiais do futuro edifício da sua vida?

O menino junta as coisas semelhantes, separa as que não são; não toma nem aproveita a matéria tal como naturalmente vem; só o elaborado deve servir para o homem. Se a construção deve ser perfeita, é preciso que conheçamos não só o nome de cada material, mas também suas propriedades e seu uso. Isso é o que propõe o menino: mostra-nos, se bem o observamos, a silenciosa atividade infantil. Chamamo-la infantil, pueril, talvez com certo desdém, porque não a entendemos, porque não temos os olhos para vê-la, nem ouvidos para percebê-la, nem, menos ainda, sentimento para sentir como o menino. Estamos como mortos e nos parece, por isso, morta a vida do menino; não podemos explicá-la. Como a saberíamos explicar para a própria criança? Esse seria, portanto, seu desejo; por isso nos procura. Não sabemos falar sobre os objetos que levam à vida infantil, porque nós estamos mudos; porém, não duvidamos de que assim satisfaríamos os mais íntimos anseios da criança, quando nos cerca trazendo-nos o que acaba de encontrar e colocando-o em nossas mãos; desejaria também que soubéssemos interpretar seu próprio ser.

O menino interessa-se por tudo que entre no pequeno círculo de sua atividade, por tudo que contribui para aumentar seu mundo tão reduzido; nada é tão insignificante que não constitua para ele um verdadeiro descobrimento; porém, tudo deve ter vida neste pequeno mundo: nada deve estar morto ali, porque, do contrário, obscurecer-se-ia penosamente o limitado círculo de sua existência. Porém, a criança gostaria de saber por que lhe interessam as coisas; gostaria de conhecer as suas propriedades e a essência íntima, para chegar, por esse caminho, a compreender a razão de suas próprias inclinações, a conhecer a si mesma. Por isso, examina os objetos e os observa com todos os sentidos; por isso, os quebra e destrói; por isso, também, os leva à boca e os morde; ou pelo menos se esforça em mordê-los. Então, nós a repreendemos e a consideramos má e travessa. Porém, não é mais discreta em suas travessuras que nós com nossas repreensões? A criança quer conhecer o interior das coisas. Esse é um instinto que ela não se deu a si mesma, um instinto que, bem entendido e guiado, há de levá-la a conhecer a Deus em todas suas obras. Para isso, Deus mesmo lhe deu o entendimento, a razão e a

linguagem. Como satisfazer esse instinto? Nós não a ajudamos; não sabemos fazê-lo. O menino busca, então, sua satisfação nas próprias coisas. Claro é que as coisas, uma vez destroçadas, permanecem em silêncio. Mas a pedrinha partida, a flor desfolhada, mostra em seu interior certa igualdade ou desigualdade entre suas partes, e não é isso já uma ampliação do conhecimento? Por acaso, nós, adultos, o adquirimos ou aumentamos de outro modo? A planta por dentro é oca? Ou está macia e cheia de seiva? O corte dela é redondo ou anguloso? É triangular ou quadrado? E a superfície do corte não se apresenta igual ou desigual, lisa ou áspera, compacta ou porosa, ou irisada, ou filamentosa, ou irregular? Os pedaços cortados apresentam-se agudos ou arredondados em seus ângulos? Pulam com facilidade, ou melhor, cedem e se esmagam aos golpes?

O menino se pergunta sobre tudo isso, pois está desejoso de conhecer a essência interior das coisas pela pluralidade de suas manifestações externas. Quer conhecer também as relações que pode estabelecer com os objetos e quer saber o fundamento do amor e do afeto que o fazem sentir o atrativo que exercem sobre ele. Mas nós, os adultos, os investigadores científicos, fazemos outra coisa? E, dessa forma, não nos parece que tenham nem valor nem sentido essas observações, esse verdadeiro estudo da natureza - mesmo que o professor, do alto de sua cátedra, faça-o diante de nossos filhos. Não sabemos ver esse mesmo estudo quando as crianças o realizam espontaneamente. Porém, notamos que, com muita frequência, as mais claras explicações do melhor professor não exercem o devido influxo sobre a mente de nossos filhos. Por quê? Porque queremos que aprendam na escola o que deveriam aprender antes por si mesmos e por algumas palavras nossas que contribuíssem para clarear e vivificar suas próprias observações. Pouco, muito pouco tivemos de acrescentar a essas explicações: só designamos, nomeamos, expressamos com uma palavra aquilo que a criança fez, executou, observou e encontrou...

A vida do menino é rica e magnífica durante esse período. Nós somos aqueles que conseguem vê-la, os que sabemos senti-la. No entanto, não suspeitamos de que essa vida se desenvolve em íntima harmonia com o destino e a vocação do homem. Não só não protegemos, não cuidamos, não desenvolvemos essa essência interior de sua vida, como também deixamos que se oprima e se aniquile ao peso da própria impotência, ou melhor, que cresça de modo antinatural, em um sentido único. Também na planta humana, como no mundo vegetal, desperdiçam-se e malogram muitas vezes as energias, quando o crescimento se realiza numa direção equivocada. Ao nos darmos conta disso, gostaríamos, é verdade,

de orientar melhor essas energias, a seiva da árvore, as inclinações do menino já maior... Porém, é demasiado tarde. Não soubemos reconhecer a transcendência daquele período da infância; não só não acertamos ao educar, como também interviemos cegamente para perturbar e coibir.

O menino, quando encontra uma pedra, joga-a contra uma tábua para se inteirar de seus efeitos e propriedades. Trata-se de um pedaço de carvão, de argila ou cal, e o menino descobre, então, a propriedade de transmitir a cor. Vê como se alegra com seu descobrimento e com a atividade, com que rapidez a mão se põe em prática; já mudou quase por completo o aspecto da superfície da madeira. A princípio, o menino se alegra com a qualidade desconhecida do mineral; porém, logo se encanta com as modificações da madeira, ora preta, ora branca, ora vermelha, e, finalmente, saem as primeiras linhas, retas ou curvas; são as mesmas formas que despertam sua alegria. Essas observações levam-no a fixar sua atenção nas linhas dos objetos que o rodeiam. Então, a cabeça se apresenta como uma circunferência, e a circunferência como uma cabeça; um ovo simboliza o corpo; braços e pernas lhe aparecem como linhas retas ou quebradas, e essas linhas como pernas e braços; os dedos lhe parecem linhas que convergem em um ponto, e as linhas assim reunidas se convertem para o menino artista em mãos e dedos; considera os olhos como pontos, e os pontos como olhos; no menino e do menino nasce um novo mundo, porque o homem não compreende uma coisa até que trate de expressá-la.

Sim, um mundo, em muitos aspectos novos, nasce da criança, que vai se tornando um garoto pela compreensão e expressão do linear. E isso ocorre não somente porque pode dar forma ao mundo exterior, reproduzindo-o em pequenas dimensões, abarcando-o com seus sentidos, facilitando o processo psicológico das recordações e das novas associações mentais, mas também porque começa o conhecimento do outro mundo, um mundo invisível, o mundo da energia. A bola que rola ou que faz rolar, a pedra que cai ou se lança, a água contida ou canalizada vão ensinando ao menino que a força em suas manifestações particulares segue sempre uma direção linear. Assim, a reprodução dos objetos por meio de linhas o leva a compreender e a expressar a direção em que atua a força. "Ali corre um rio", diz o menino, enquanto desenha um risco que representa a corrente d'água. Reúne várias linhas que representam uma árvore - "Aqui cresce um galho; pode sair um galhinho a mais" - e, como disse, traça as linhas correspondentes ao galho da árvore. Fala, logo a seguir, "Por aqui vem um pássaro voando" e desenha em seguida sua linha na direção do suposto vôo. Dá ao menino um pouco de gesso ou algo semelhante e logo verá ante seus olhos uma nova criação. Que também

desenhe seu pai, um homem ou um cavalo. Esse homem e esse cavalo esquemáticos produzem no menino uma satisfação maior que um cavalo real, que um homem de verdade.

Que deve fazer a mãe, que devem fazer as outras pessoas que rodeiam a criança para dirigi-la até esse ponto? Basta que olhem, que se ponham a observar, e a criança mesma lhes ensinará. Se quer desenhar uma mesa, começa por seguir todos os seus lados e contornos até onde isso for possível, copiando o objeto do próprio objeto - o primeiro passo para que a criança adquira consciência dos limites e das formas de um objeto. De maneira similar, desenha e representa a cadeira, o banco e a janela. Isso feito, dá um passo a mais; aprende a projetar em linhas inclinadas as formas de uma mesa quadrada, de um banco ou de uma cadeira, com a vaga intuição de que assim pode expressar as relações de superfícies. Consegue, igualmente, reproduzir as formas em proporções menores, em menor escala. Não vê? O menino desenhou numa folha uma mesa, uma cadeira, um banco e muitas coisas mais. Isso só desenvolve suas atitudes; ele só se educa. O menino coloca os objetos pequenos e móveis sobre uma tábua, sobre um banco ou uma mesa, e reproduz suas formas sobre a superfície lisa, só seguindo o contorno do objeto. Desse modo, desenha rapidamente umas tigelas, uma caixa, folhas e galhos e, também, a própria mão e as sombras dos objetos. Muito mais do que pode expressar-se com palavras, a criança desenvolve a compreensão clara da forma, a possibilidade de reproduzi-la com tal forma - isolada de sua matéria própria -, o robustecimento e a educação da mão e do braço para a livre expressão dos contornos.

Uma mãe cuidadosa, um bom pai, uma família atenta à educação da criança conseguem que esta, durante o seu período de crescimento que agora estudamos, consiga desenhar, com bastante exatidão, uma linha reta, uma linha inclinada e até um objeto retangular em sua posição vertical, como, por exemplo, um espelho, uma janela e outras coisas semelhantes. Ela não necessita de nenhum artista na família para aprender a desenhar. Para que as atitudes e a força do menino se afirmem e se desenvolvam, é absolutamente necessário que o pai e a mãe, discretamente, unam sempre a palavra à ação e à obra da criança, dizendo, por exemplo, "eu desenhei uma mesa, um espelho; tracei a linha inclinada da mesa". Esse procedimento robustece as energias internas e externas, aumenta o conhecimento das coisas, aviva o juízo e evita muitos erros, fazendo compreender que nunca será demais marchar o homem pelo caminho da natureza. Nem a palavra, nem o desenho bastam, considerados isoladamente, para expressar de uma maneira total e perfeita as relações

do objeto; é necessário que mutuamente se definam e se completem. O desenho ocupa lugar intermediário entre a palavra e o objeto, tem caracteres comuns com a palavra, com o objeto, e é, por isso, tão importante para a criança, para o adolescente e para a educação e a cultura do homem. Um bom desenho tem de comum com o objeto a tendência à reprodução em suas formas e contornos, e usa a palavra como forma abstrata de reproduzir o objeto - imagem ou cópia dele. Palavra e desenho são de natureza oposta, porque o desenho está morto e a palavra, viva; porque o desenho se aprecia com os olhos e a palavra, com o ouvido. Palavra e desenho devem ir juntos como luz e sombra, dia e noite, alma e corpo. Por isso, há no homem e na criança uma aptidão tanto para o desenho quanto para a linguagem. Uma e outra exigem que sejam cultivadas e desenvolvidas - o mesmo faz de forma espontânea a criança, que tem inclinação e gosto pelo desenho.

O desenho - a reprodução gráfica dos objetos - exige da criança e desenvolve nela uma intuição que a conduz ao conhecimento da relação constante de uma mesma quantidade de objetos similares, por exemplo, dos olhos, dos braços, dos cinco dedos das mãos e dos pés, das seis patas na mosca ou no escaravelho. Dessa maneira, o desenho ajuda na apreciação e no conhecimento do número, e a repetição múltipla de um mesmo objeto é condição da quantidade. A pluralidade determinada de objetos similares em alguma relação constitui o número ou a quantidade desses objetos. A observação - o desenvolvimento da atitude matemática - contribui para estender o círculo de conhecimentos da criança, o mundo de sua vida, e satisfaz uma necessidade essencial de sua alma, um certo desejo de seu espírito. Nesse período, a criança contempla os grupos maiores ou menores, os montes de objetos iguais ou distintos, com uma vaga ansiedade, com um obscuro pressentimento de que só conhecia a realidade de uma maneira incompleta: não lhe era possível abarcar, compreender, determinar a relação de magnitude entre os vários montes. Porém, agora já sabe que existem duas pedras grandes e três pequenas, quatro flores brancas ou cinco amarelas... O conhecimento das relações de quantidade eleva extraordinariamente a vida da criança.

O espírito da criança exige que a mãe e as demais pessoas que com ela vivem se esforcem para desenvolver desde o início sua capacidade para o número, sua atitude para contar, de maneira adequada com a essência mesma do número e com as leis mentais do homem - conforme lhe vão exigindo as circunstâncias e os progressos da vida. Basta contemplar serenamente a criança para falar com segurança do caminho que ela inconscientemente segue para se elevar, segundo as leis do pensa-

mento humano, do visível ao puramente pensado ou invisível. A criança começa a agrupar cada objeto com seus semelhantes, reunindo, assim, por exemplo, maçãs, nozes, pêras, fava. Deve, então, a mãe, ou as outras pessoas, unir a cada coisa a palavra correspondente ou, o que é o mesmo, completar a visão com o som, permitindo à criança a reflexão, o conhecimento, a intuição interior. Dirão, por exemplo:

Maçãs - pêras - nozes - favas

É muito freqüente ver a criança separar as coisas de uma mesma espécie e ordená-las em fila. Novamente, a mãe deve auxiliá-la com a palavra que explica aquela ação. Por exemplo:

Maçã - maçã - maçã - maçã... só maçãs

Pêra - pêra - pêra - pêra... só pêras

Noz - noz - noz - noz... só nozes

Fava - fava - fava - fava... só favas

O mesmo será feito com as pedras, com as bolas, sempre que a criança agrupar uma pluralidade de coisas da mesma espécie. A mãe não deve deixar de nomeá-las na forma acima indicada para facilitar a reflexão da criança.

Porém, ao ir somando um objeto ao outro, convém também que a mãe desperte na criança, com toda a precisão e clareza, a consciência dessa adição:

Uma maçã - uma maçã a mais - outra maçã - mais uma maçã a mais: muitas maçãs.

Uma pêra - uma pêra a mais - outra pêra - mais uma pêra a mais: muitas pêras.

Uma noz - uma noz a mais - outra noz - mais uma noz a mais: muitas nozes.

Uma fava - uma fava a mais - outra fava - mais uma fava a mais: muitas favas.

O mesmo pode fazer com os dedos, etc. A quantidade de cada espécie de objetos vai crescendo sempre pela adição regular de um objeto a mais dessa mesma espécie.

Convém, em seguida, que a mãe substitua a palavra indeterminada "Outro, um mais, mais outro" pelo que serve para designar o número exato. Ao mesmo tempo em que, junto com a criança, vai agrupando os objetos, dirá:

Uma maçã - duas maçãs - três maçãs - quatro maçãs

Uma pêra - duas pêras - três pêras - quatro pêras

Uma noz - duas nozes - três nozes - quatro nozes

Uma fava - duas favas - três favas - quatro favas

A mãe juntará, depois, vários objetos de cada espécie em número progressivamente maior, expressando, dessa vez com palavras, o que está fazendo:

O maçã - 00 maçãs - 000 maçãs - 0000 maçãs
O pêra - 00 pêras - 000 pêras - 0000 pêras
O noz - 00 nozes - 000 nozes - 0000 nozes
O fava - 00 fava - 000 fava - 0000 favas

Depois disso, mãe e filho - já não há só a mãe - executarão as ações e pronunciarão as palavras correspondentes. No fim, será unicamente a criança a falar. Porém, até aqui, cada número se aplica separadamente a cada espécie de objetos que designa. É preciso adiantar um pouco mais e enunciar somente os números, deixando para o fim os nomes dos objetos. Por exemplo:

O (uma) - 00 (duas) - 000 (três) - 0000 (quatro) maçãs
O (uma) - 00 (duas) - 000 (três) - 0000 (quatro) pêras
O (uma) - 00 (duas) - 000(três) - 0000 (quatro) nozes
O (uma) - 00 (duas)- 000 (três) - 0000 (quatro) favas

Dessa maneira, é cada vez mais imediata a relação da massa de objetos com seu número, e cada vez mais remota a relação do número com a espécie concreta dos objetos.

Finalmente, a mãe considera tão-só as sucessivas quantidades, prescindindo, em absoluto, da natureza qualitativa das coisas: *O (uma) - 00 (duas)- 000 (três)- 0000 (quatro)*

Nisso consiste a consideração, a intuição dos números, das quantidades em si mesmas e em sua natural sucessão, a intuição do próprio número.

Desse modo, na infância, é imprescindível que se desenvolva o conhecimento da série de números com clareza e correção, pelo menos, até dez. Não convém que se ensinem às crianças os números como simples sons vazios e mortos, para que os repita mecanicamente, porque, nesse caso, se o espírito humano não acabar por rechaçar com suas próprias forças tudo o que é antinatural, daria no mesmo dizer à criança: "Dois, quatro, sete", ou: "Oito, um, cinco, dois".

Durante muito tempo, a criança não deve aprender os nomes dos números sem ter realmente diante de si os objetos que conta; do contrário, os números se tornarão vários sons sem nenhum sentido.

Esse desenvolvimento dos conceitos numéricos na inteligência da criança pode servir de exemplo para ensinarmos como e segundo que leis a criança consegue assimilar (em aparência, muitas vezes de um golpe)

desde a intuição das coisas particulares até os conceitos cada vez mais amplos e gerais.

Que riqueza espiritual, que frescor de alma, que plenitude de vida interna e externa gozará a criança - que tem sido adequadamente educada, verdadeiramente dirigida - ao chegar à época em que sai da infância propriamente dita para a adolescência. Sem profundas raízes na infância, não é possível obter logo como adulto uma verdadeira elevação no pensar e no sentir, em saber e em conhecer. Todas as aprendizagens e doutrinas futuras têm na infância seus primeiros sinais. Na infância, são acessíveis os tesouros da natureza e da linguagem: começam a revelar-se as propriedades do número, da forma, da magnitude, do conhecimento do espaço; a natureza das energias e os fenômenos da matéria; a cor, o ritmo, o som, a estrutura das coisas apresentam-se com suas várias peculiaridades, excitando a atenção e o interesse. Pouco a pouco, separam-se ante seus olhos o mundo da natureza e o mundo da arte; a partir da oposição entre mundo exterior e interior, desenvolve-se o sentimento de mundo interior.

E, no entanto, não foi considerado nem estudado ainda um importantíssimo aspecto da vida nessa época de transição entre a criança e o adolescente; não esqueçamos que, durante esse período, só a acompanham a mãe e o pai, o irmão e a irmã em suas atividades domésticas, em suas ocupações profissionais.

Vi uma vez no campo um menino de dois anos apenas, filho de um trabalhador, que guiava o cavalo de seu pai. Este havia posto as rédeas em suas mãos, e a criança marchava imperturbável, voltando de vez em quando os olhos para ver se o animal a seguia. Verdade é que o pai comandava o cavalo pelo freio; porém, o menino tinha a convicção de que era ele que guiava o cavalo e de que o cavalo o seguia. Em determinado momento, o pai se deteve para falar com um conhecido, e, naturalmente, o cavalo parou também; porém, o menino, acreditando que o cavalo tinha parado por capricho, começou a puxar com todas as suas forças as rédeas para obrigá-lo a continuar andando.

O filho de um vizinho meu, criança que não tinha três anos, guardava junto à cerca de minha horta os gansos de sua mãe. O espaço era pequeno para que os ágeis animais buscassem seu alimento. Não demoraram em escapar pouco a pouco da tutela daquele guarda-mirim, que, sem pensar neles, buscava também ao acaso, por outros caminhos, alimento para seu espírito. Os gansos acabaram por meter-se num caminho onde corriam algum perigo por causa do trânsito. Quando a mãe notou, gritou de longe: "Filho, tem cuidado!" O menino, a quem, sem dúvida, a inquiete-

tude dos gansos havia estorvado mais de uma vez suas próprias ocupações, respondeu então: "Mãe, tu achas que é tão fácil cuidar de gansos?"

São incalculáveis as vantagens, para a educação presente e futura, que a criança pode obter ao participar dos trabalhos e afazeres de seus pais. Maiores serão quando esses souberem utilizar essa participação, aproveitando-a, logo, durante toda aprendizagem.

Veja, por exemplo, o filho do jardineiro: o pai está limpando o terreno, e o filho quer ajudá-lo; então, ensina-o a distinguir as plantas venenosas das sãs, fazendo com que se fixe nos distintos sons, cheiros e brilhos das folhas dessas plantas.

Vejamos agora o filho do capataz da fazenda que acompanha seu pai e observa o campo que semearam juntos. O menino crê que são os primeiros brotos dos pinus, porém seu pai diz que se trata de uma espécie de erva daninha e ensina-o a distinguir os caracteres de ambos os vegetais. Em seguida, aponta a arma, dispara e acerta o alvo, mostrando ao curioso menino que uma linha reta une sempre três pontos em uma mesma direção; também lhe mostra que, para mirar o cano da arma, é necessário que três pontos estejam localizados numa mesma direção e que, quando isso ocorre, todos os demais pontos se encontrarão na mesma direção, na mesma linha.

A criança, olhando o pai que está golpeando o ferro incandescente, aprende como o fogo aumenta a dilatação do ferro, ao mesmo tempo em que se esforça para introduzir a barra de metal através do mesmo anel onde antes passava o ferro sem dificuldade.

Aqui está outro menino com seu pai que vende a peso. A criança observa a balança e percebe que um dos pratos abaixa sempre que se põe algo ou se tira algo do outro prato; observa que os dois se mantêm em equilíbrio quando se coloca peso igual. E tudo isso não é aprendido mediante palavras vazias, mas, sim, pelo manejo que ele mesmo faz da balança. Se o pai é tecelão, ensina ao filho como se cruzam os fios e deixa que o pequeno o faça por si mesmo. Se outro é tintureiro, mostra-lhe o modo como certos líquidos alteram as cores de uma maneira constante; diz-lhe os nomes desses líquidos, dos ácidos, etc. e explica como o desenho pode estar invertido para que logo volte à sua verdadeira posição. O filho do comerciante se informa, sem esforço, de que o café é o fruto de um vegetal e encontra ocasião de comprová-lo; e, ao sair a passeio no campo com seu pai, vê as plantas do cominho, o milho, o cânhamo e a dormideira, cujas sementes redondas e alargadas, amarelas ou escuras, convertem-se logo em matéria de comércio.

O mineiro, o ferreiro, o mercador, o negociante de ferro e de metais ensinam seus filhos a encontrar naturalmente a relação entre o peso e o volume dos diferentes corpos. Um quilo de chumbo e um quilo de gesso pesam o mesmo, o que não impede que o chumbo seja mais pesado do que o gesso. Do cordoeiro, aprende a criança como se colocam os fios a determinada distância nas rocas para torcer o cânhamo. Quando o pescador joga as redes na direção da água, faz com que seu filho repare que os peixes, para buscar alimento, nadam contra a corrente. Ao lado do carpinteiro, do marceneiro, do ferreiro, a criança, observando, imitando, ouvindo as explicações de seu pai, dar-se-á conta da aplicação da plaina, da broca ou do entalhador; saberá que o material procede das árvores, ou da mina; compreenderá que o ferro tem de ser purificado primeiro na fundição para que possa receber uma forma determinada e converter-se em ferramenta ou instrumento. Praticamente mostra o marceneiro à criança, deseja sempre de saber e aprender, que não são todas as madeiras que servem para o mesmo, e a ajuda a distinguir o pinus ou o pinheiro, árvores com folhas finas e agudas, o pinho ou o álamo; as árvores frutíferas e as de folhas planas. Esses conhecimentos se completam de uma maneira espontânea com os passeios pelo campo, em que a criança designa pelos seus nomes respectivos as distintas espécies de árvores. Fixa-se também na utilidade de algumas cortiças, cuja aplicação não deixa de ser observada quando mais tarde for à cidade para comprar sola.

Dessa maneira, influenciando o pai atento na criança, ansioso sempre de atividade espiritual e física, ao mesmo tempo em que a própria criança sã de corpo e alma influi no seu bom pai, marcham os dois do campo à cidade, da natureza à arte, ou passam inversamente da indústria à agricultura e jardinagem. E, quando os pontos de contato, as relações entre os diversos ofícios são muito distintas, sempre será possível que uma pessoa, partindo do círculo de seus conhecimentos, aproprie-se dos que são peculiares às outras profissões e os assimile. Qualquer que seja o emprego ou o trabalho do pai, poderá servir de ponto de partida para todos os conhecimentos humanos. Que quantidade de idéias adquirirá, por exemplo, o filho do agricultor contemplando o carro ou o arado de seu pai, ou o filho do moleiro no moinho, ou o do comerciante quando vê os produtos naturais ou elaborados que constituem o objeto do seu negócio? Que riqueza de conhecimento pode obter-se observando as distintas dependências de uma fábrica? Esses conhecimentos e as claras reflexões que deles nascem não poderão ser supridos pela escola; se ela o fizer, será à custa de grandes dificuldades ou esforços. Tais conheci-

mentos têm, portanto, de originar-se naturalmente de uma infância conduzida pelo calor da vida de família.

A criança - nosso próprio filho - não ignora a riqueza do conhecimento em família; na verdade, pressente-o com tanta intensidade, de uma maneira tão viva e profunda, que passa a acompanhar os pais em todos seus atos e afazeres e deles não quer se afastar, seguindo-os sempre por onde forem. Não a repreenda severamente, não a afastem de vocês, pais; respondam com paciência a suas perguntas, repetidas e intermináveis. Pensem que cada repulsa, cada palavra dura com que a despedem destrói uma semente preciosa na árvore de sua vida. Dessa forma, em suas respostas não se estendam demasiado, não expliquem com palavras que não possam ser compreendidas. Não há dúvida de que, para a criança, é muito mais fácil escutar uma resposta e, sobretudo, escutá-la e compreendê-la pela metade do que falar por si mesma, com suas próprias palavras. Porém, a resposta ouvida pela metade é compreendida parcialmente e, assim, leva a criança à rigidez mental e, portanto, vale menos para ela do que a obscura constatação que ela mesma teria, caso não conhecesse determinado conceito. Não contestes as perguntas de teu filho: é mais importante colocá-los em condições de encontrarem eles mesmos as respostas por meio de seus próprios conhecimentos do que pelas experiências dos pais.

Os pais e as mães - principalmente os pais, porque têm responsabilidade na educação da criança nessa idade a que estamos nos referindo - podem encontrar uma fonte inesgotável de alegrias na educação dos filhos, nesse cumprimento de deveres paternos. Não há satisfação maior, não há felicidade mais profunda, que a de educar nossos filhos, viver com eles, ou *viver neles*. Falamos da realização das mais nobres aspirações ao cuidar de nossos filhos, da vida íntima de família que, de muitas maneiras, pode dar-nos toda a possível felicidade. Evoquemos, por um momento, a imagem de um interior aprazível, em que um bom pai de família não necessita de alegrias esfuziantes para sentir-se feliz entre os seus, contente de viver; veremos nessa imagem somente a metade do que temos dito em palavras - o que nos comoverá profundamente. Um pai assim resume sua conduta em uma frase: o mais importante e o que está em primeiro lugar na educação das crianças é despertá-las para a reflexão. Esse pai não menciona despertar nela a atividade e amor ao trabalho, porque isso lhe parece tão natural que sequer faz falta comunicar. Além disso, uma criança que tenha desenvolvido a reflexão não está já favoravelmente disposta para o trabalho e para todas as virtudes domésticas e sociais? Vemos nessas palavras a semente fecunda de onde pode brotar

a árvore de uma vida vigorosa, frondosa, rica de flores e frutos. Concorramos com eles quando vemos que os filhos andam ao nosso redor, ociosos, sem vida espiritual.

Duro é o que vou dizer, porém é verdade. Contemplemos a vida que nos rodeia e nossa própria vida interior com olhar sereno e questionador. Não direi mais que a verdade crua: estamos mortos; o que nos rodeia está morto para nós. Com todo nosso saber e nossa auto-suficiência nos achamos vazios, e nossos filhos nos acharão vazios também; quase tudo o que dizemos soa sem conteúdo e vitalidade; não podemos dar atenção às crianças mais do que naqueles poucos e raros casos em que nossa conversa se baseia em intuições diretas da vida e da natureza. Portanto, tal situação tem de mudar. Deixemos que nossos filhos se manifestem espontaneamente para que eles sejam os que dêem algum conteúdo, algum valor à nossa linguagem, alguma vida aos objetos que nos rodeiam. Vivamos em intimidade com eles; deixemo-los viver conosco; eles nos darão o que a todos tanta falta faz. Palavras, discursos, relações sociais são, para nós, coisas mortas, cascas sem fruto, bonecos sem vida, moedas de chumbo sem nenhum valor real; falta-nos vida interior, falta-nos substância; são fantasmas porque carecem de carne e de sangue. Nosso mundo, nosso ambiente, nossas relações, tudo que vemos e contemplamos está morto - nos oprime em lugar de elevar-nos. Não há uma palavra que dê sentido e transcendência. Não temos consciência do nosso falar, porque os conceitos são aprendidos sem vivência e, portanto, não respondem a nenhuma realidade, a nenhuma intuição. Por isso, também pouco expressam realidades, intuições, vida - não nasceu da vida, não pode dá-la. Nossas palavras são aprendidas em livros: o que dizemos não é visto com nossos próprios olhos, nem saberíamos fazê-lo. Por isso tudo, o discurso resulta vazio e obscuro. Por isso, só por isso, nossa vida interna e externa é tão pobre e se reflete com pobreza igual na vida de nossos filhos. Nossas palavras não nascem de uma vida rica por dentro e por fora em intuições e atos. Falta-lhe a *intuição das coisas* que designam. Ao escutá-las, ouve-se o som, porém não se percebe nenhuma imagem; ouve-se um rumor confuso, porém não se vê nenhuma ação. Ah, pais, pais! Deixem, pelo menos, que os seus filhos dêem o que lhes falta! Já não temos essa força vital da infância que a tudo anima, que a tudo dá forma; recebamo-la novamente de nossos filhos. Aprendamos deles; prestemos atenção às doces aprendizagens de sua vida, às secretas lições de sua alma. *Vivamos em nossos filhos*. Deles receberemos a paz e a felicidade e descobriremos, assim, os caminhos da sabedoria.

O garoto

Durante o período da vida humana considerado e estudado até agora, o mundo exterior e todos os objetos que o constituem vão-se relacionando com a linguagem e com as palavras que os designam e, logo, mediante a palavra, com o mais profundo do espírito do menino. Esse período tem-se caracterizado, pois, por estar consagrado ao desenvolvimento e ao cultivo da linguagem. Por isso, tem sido necessário unir cada um dos atos da criança à palavra precisa e adequada que os expressa. Os objetos, as coisas reais, começam a existir para o menino quando as nomeia com a palavra correspondente - antes, careciam de verdadeira existência, quando parecia percebê-los com os olhos. São as palavras que concretizam a percepção das coisas; a palavra cria a coisa; na mente infantil, formam ambas uma indivisível unidade, complementam-se como a folha com o galho que a vivifica.

Nunca serão demais o interesse e o estudo que pais e educadores consagram a essa questão. Ao lado dela - ao lado dessa conexão do objeto com a palavra e, mediante a palavra, com o homem mesmo -, há de observar, também, que, nesse período de seu crescimento, o menino considera as coisas como isoladas umas das outras, sem relação entre si: cada uma das coisas constitui um todo homogêneo, sem distinção das partes. Porém, essa maneira de ver não se harmoniza nem com a realidade objetiva nem com as exigências do pensamento humano. É preciso que o homem saiba considerar cada coisa não só como um todo isolado e indivisível, como também um composto de elementos distintos, subordinados, por sua vez, a um fim superior e geral. O objeto não está isolado, não se basta a si mesmo: é um anel da cadeia, um membro de um organismo maior, uma parte da totalidade mais elevada; colabora para uma finalidade universal. Devemos, então, apreciar nele não seus enlaces e contatos exteriores, mas suas relações internas, sua íntima unidade com as coisas de que aparentemente está separado.

Não esqueçamos, todavia, que a totalidade que rodeia o homem, a totalidade do mundo exterior, não pode ser diretamente conhecida em sua unidade absoluta. Chega-se a essa totalidade pelo conhecimento da essência peculiar e pela natureza privativa de cada coisa particular, de cada

objeto em sua independência e própria personalidade. Porém, o homem conhece as coisas, o essencial de cada coisa, com maior dificuldade quanto mais próximo delas está interior ou exteriormente. Exemplo claro disso é a má inteligência, tão freqüente entre os pais e filhos e no círculo estreito da família. Por isso, é, em geral, tão difícil que o homem se conheça a si mesmo. E, ao contrário, uma separação exterior ajuda muitas vezes a conseguir por dentro o mútuo encontrar-se e compreender-se.

Triste é que o homem conheça o estranho mais que a si próprio. Não é raro que se saiba de lugares e tempos remotos de povos estrangeiros muito mais do que se sabe de seu país, de sua época e de si mesmo. Se queremos verdadeiramente conhecer a nós mesmos, temos de começar por nos exteriorizarmos, por nos objetivarmos a nossos próprios olhos. Se o homem, fiel a seu destino, aspira conhecer adequadamente e, dizendo assim, a penetrar a essência das coisas do mundo exterior; se aspira compreender-se e aprofundar-se em si mesmo através das coisas, deve, depois do período de sua vida antes descrito - em que se uniam sujeito e objeto -, começar uma nova época de significação oposta, uma fase de seu desenvolvimento na qual o sujeito e o objeto se separam outra vez, isolam-se em aparência para se unirem melhor em profundidade. O menino se aproxima mais da realidade das coisas porque aprende a distinguir a coisa da palavra, considerando-as como elementos diferentes, mas concordantes. Esse novo período, do qual agora vamos nos ocupar, é aquele em que a linguagem adquire toda a sua importância, sua autonomia, seu valor próprio.

Com essa distinção entre a palavra e a coisa real, entre a linguagem e a pessoa que fala, com a materialização posterior da linguagem por meio da escrita - símbolo da sua existência, independente e orgânica -, sai o homem das primeiras fases de sua infância para iniciar aquela outra a que, para entendermos, chamaremos de um garoto.

O período anterior de desenvolvimento humano, o de bebê, foi principalmente uma época da vida em si mesma, do viver por viver, da exteriorização do interno: esse outro período, o do garoto, vai ser não só o de viver, mas o de aprender, o de interiorizar o exterior.

Do ponto de vista dos pais e educadores, durante o primeiro período da vida humana, o bebê exigia, sobretudo, cuidado. O segundo período - a infância propriamente dita, a época em que o homem deve ser considerado preferentemente como unidade - é de uma maneira especial o tempo da educação. O terceiro período cultiva aspectos particulares da personalidade do garoto, dirige-o às coisas concretas e fomenta as naturais atitudes para a especialização, mas sempre com o propósito de, por

fim, fortificar a unidade interior do espírito humano. As considerações e o estudo do particular, já em si mesmo, já em relação com as diversas atitudes e disposições do indivíduo, constituem o objeto de ensino, da instrução; por isso, o período que agora nos interessa caracteriza-se por ser predominantemente o de ensino.

Nessa época, a evolução e cultura do ser humano revestem a forma de ensino, respondendo não só à essência do homem mesmo, mas principalmente a leis claras, constantes, marcadas pela própria natureza das coisas, leis às quais sujeito e objeto estão de igual modo submetidos. A cultura não depende agora do caráter com que a lei geral e eterna se manifesta particularmente no homem: depende mais da maneira peculiar de expressar-se, em cada um dos objetos exteriores, a lei que imperará, por sua vez, sobre o sujeito e o objeto, segundo condições fixas e determinadas - cujo fundamento está fora do sujeito.

Para que isso seja possível, entretanto, são necessários conhecimento e estudo, reflexão e consciência. E essa é a obra da escola, no sentido mais amplo da palavra. É, pois, a escola o lugar onde o homem adquire o conhecimento essencial dos objetos exteriores segundo as leis particulares de cada um deles e as leis gerais do mundo. Mediante o estudo do externo, do particular, do variado, vai até o interior, universal e único. O garoto se converte em aluno. Nesse período da vida, desvela-se para o menino a escola, seja fora de casa, no seio mesmo da família e tendo o pai por mestre. Ao falar de escola, não queremos nos referir exclusivamente aos estabelecimentos que levam esse nome, mas, em geral, à transmissão consciente de conhecimentos relacionados e ordenados entre si e dirigidos a um determinado fim.

Não esqueçamos que, sempre e em todas as partes, a preparação do homem para realizar a sua missão e seu destino constitui um todo indivisível, que transcende pelos sucessivos estágios de crescimento. Os sentimentos gerais da primeira infância se transformam logo em apetites e inclinações que servem de base à cultura afetiva e moral, a qual mais tarde há de brotar no garoto para o desenvolvimento da vontade e do espírito. Sobre essa atividade voluntária, formar-se-á, finalmente, o caráter, educando-se, assim, uma vontade superior, pura, firme, constante, na qual e pela qual se manifesta toda a dignidade do ser humano. A isso deve tender principalmente a educação do garoto. Esse há de ser o resultado essencial da aprendizagem e da escola.

Vontade é a atividade espiritual do homem que, de acordo com os fins gerais de sua vida, parte conscientemente de um ponto determinado e vai para uma determinada direção buscar um objeto e fim determinados.

Evidencia-se, com isso, o que pais e educadores, mestres e escola devem fazer pelo garoto nessa fase de seu desenvolvimento. Que seja forte e são o ponto de partida de toda a atividade de seu espírito; que a fonte seja limpa, clara, inesgotável; que não haja na direção dúvidas nem vacilações; que o fim proposto seja firme, consciente; que desenvolva e aumente sua vitalidade, que perpetuamente se renova; que levante e enobreça, parecendo sempre digno do esforço exigido, de acordo com a natureza humana - expressão da própria vocação interna. É preciso, portanto, para converter em firmeza de caráter a vontade natural do garoto, que todas as suas atividades e todos os seus propósitos nasçam do fundo íntimo de sua alma e contribuam para desenvolvê-la e manifestá-la. Exemplos e palavras, ação e instrução seriam para ele meios adequados. Nem só exemplos, nem só palavras. Somente exemplos não: o exemplo não passa de um caso isolado, único, que não é aplicável, nem adquire valor geral até que a palavra o explique. Somente palavras não: a palavra fica sempre como algo abstrato e impreciso, mesmo que o exemplo lhe preste sentido e realidade. Porém, não basta a união da palavra ao exemplo, das doutrinas às obras, se não se dirige a um coração sensível e bom, preparado para a educação desde nenê. Um verdadeiro caráter há de fundar-se num coração puro, em uma alma generosa. Sem essas últimas qualidades, será muito difícil fortificar a vontade.

Indício de um coração sensível e bom, sinal de um ânimo piedoso no menino, é o desejo de projetar a própria unidade do espírito sobre as coisas exteriores, sobre os objetos isolados que, em confusa quantidade, rodeiam-no, reduzindo-o a uma unidade - como a que sente dentro de si -, a um único princípio ideal, a uma só lei universal, que lhe preste sentido na vida. Esse desejo se concretiza no menino no momento em que se sente submergir no mar da existência como centro de todas as coisas - as quais adquirem por essa relação com sua pessoa. Mas a plena satisfação dessa tendência alcança-se na vida em família. Nas sucessivas etapas da educação, na evolução total do homem, a família contribui incomparavelmente para formar - em toda a sua pureza e energia - um coração bom, uma alma piedosa. Aquela predisposição à unidade é condição fundamental para uma educação perfeita, assim como a tendência contrária, a tendência à divisão, perturba o desenvolvimento são da consciência humana. Por isso, importa tanto a vida em família já que, na infância, todas as coisas são vistas através dela e como um reflexo seu.

O próprio lugar resulta para o menino como algo exterior, objetivo, como um modelo de vida. Não esqueçam os pais que o menino, com sua inocente atividade, tende a manifestar-se da mesma forma que as coisas

de fora se apresentam. Vê, no círculo da família e de suas relações, como seus pais e as pessoas maiores trabalham, produzem, criam; tenta copiar o que observa nos seus pais e nos maiores, dando-se conta dessa capacidade humana para a produção. O menino pequeno trabalhará pela própria ação; o garoto o faz pelo resultado, pela obra realizada, pelo produto obtido. Portanto, o primitivo instinto de atividade transforma-se no instinto de produção, que caracteriza todas as manifestações, toda a vida do garoto nessa época de seu desenvolvimento.

Quisera eu que os pais valorizassem o interesse de meninos e meninas em ajudá-los em seus afazeres. E não só quando se trata de trabalhos fáceis, que se realizam jogando, mas também nas tarefas duras e cansativas. Não deixes, então, de auxiliar teus filhos. Quanto dano poderias fazer-lhes ao rechaçar seu trabalho como coisa inútil, como um estorvo, como algo que não pode ser levado a sério. Aniquilarias em teus filhos, pelo menos durante muito tempo, a energia ativa, o instinto de produção. Não os deixes absorver pela ocupação até o ponto de ter de dizer-lhes: "Vê, não fazes mais do que estorvar-me". Ou melhor: "Tenho pressa; deixa que eu faço sozinho". Com essa repulsa, perturbas a atividade interna do menino e da menina. Se se sentirem excluídos da obra total, sós no mundo, ficarão frouxos e indolentes, não sabendo como empregar a energia acumulada. Duas ou três vezes que os repreendas, já não voltarão a pedir que os deixes tomar parte no trabalho. Mas quando fizeres algo no qual eles o ajudem de boa vontade, não os verás vagar à sua volta, ociosos e aborrecidos.

E esses são os garotos dos quais se queixam os seus pais: "Quando eram pequenos e não serviam de nada, queriam meter-se em tudo, e, agora que poderiam ser úteis, não há maneira de tirar partido deles". É sua culpa. Fácil é observar que os primeiros impulsos do instinto de produção brotam espontaneamente - sem que o menino o proponha - da essência mesma do espírito ativo. Porém, se essa tendência - para criar a obra, realizá-la e nela manifestar-se - estiver relacionada com a necessidade do exercício físico, o garoto encontrará um obstáculo exterior que, como a vontade paterna, torna-se intransponível. Então, a energia se debilita, decai e acaba, por fim, cedendo lugar à inatividade e à lentidão.

A criança rejeitada por seus pais não se dá conta de que, se em uma ocasião serviu de estorvo, em outras poderá prestar serviço. Elege, em seguida, o mais cômodo para o seu organismo, seu corpo, sua natureza física: abandona o trabalho com tanta facilidade quanto crê obedecer às ordens de seu pai, que se lamenta de que seu filho se tornou preguiçoso. Como consequência, o corpo do menino deixa de estar imbuído

do espírito de atividade, resultando um peso, uma carga, isto é, não é mais o instrumento são e vigoroso das forças anímicas. Quereis que, mais adiante, os filhos vos sirvam de ajuda? Comeceis a desenvolver de imediato seu instinto de atividade e, mais especialmente nesse período, seu instinto de produção, mas isso às vezes exige dos pais modéstia e sacrifícios. Não importa o que isso lhes custe: os filhos, como os campos férteis, dão cem por um. Consagra-lhes toda tua atenção, e todo o teu esforço contribuirá para o desenvolvimento e aperfeiçoamento deles; não lhes negues o melhor que podes dar-lhes em participação no teu trabalho, o que lhes permitirá apreciar e medir suas próprias forças.

Até agora, a atividade da criança não passava de uma imitação da vida doméstica; a partir de então, começa a ser uma colaboração para essa vida. O garoto traz e leva as coisas, organiza-as, acomoda-as; em tudo quer exercitar sua energia, medi-la, senti-la crescer e aumentá-la. Acompanha o pai em suas diversas ocupações: segue-o na horta e no campo, nas pastagens e na montanha; acompanha-o ao escritório ou à oficina, ajuda-o a serrar e trabalhar a madeira, a construir utensílios, a cuidar dos animais. Pergunta atrás de pergunta, exterioriza o seu afã de conhecimentos: o quê, como, quando, de quê, por quê, para quê. E a cada resposta, que nunca o satisfaz de todo, abre-se para o garoto um mundo novo. A linguagem é um meio para ele e, portanto, através dela ele alcança sua independência e adquire valor próprio.

Um garoto são, orientado desde os seus primeiros anos de modo sensível e natural, nem salta os obstáculos nem evita as dificuldades. Ao contrário, busca-os e vence-os. "Deixa-o ali!", gritará ao seu pai, se vê que quer tirar um tronco que atrapalha a passagem. "Deixa-o!... Eu passarei por cima". A princípio, fará isso com grandes esforços, porém fa-lo-á. Sentirá, então, aumentada a sua energia, retrocederá de novo e voltará a tentar passar o obstáculo uma outra vez, até que consiga passar como se nada interceptasse o caminho. Já causava alegria a atividade do menino pequeno; porém, esses atos do garoto maiorzinho produzem um verdadeiro encanto. Ele mesmo experimenta o prazer de sua própria força; por isso, emprega-a com juvenil atrevimento para subir às colinas, trepar pelos galhos, subir às árvores, andar daqui para lá correndo montanhas e campos. Nada lhe é difícil, nada lhe parece perigoso: a vontade o empurra, desde o mais profundo de sua alma.

O garoto, todavia, não quer só provar, medir, exercitar seu próprio vigor. Sente-se arrastado em todas as direções pela necessidade de dominar os múltiplos fenômenos da vida, de acercar-se do que está mais longe, unificar o diferente e abarcar em sua unidade, em sua totalidade,

as distintas coisas que o rodeiam. Esforça-se em estender progressivamente seus horizontes, em ampliar o círculo da sua ação. Quando sobe pela primeira vez a uma árvore, parece que descobre um mundo novo: vê os objetos do alto de uma maneira inteiramente distinta de como nós as observamos habitualmente do nosso ponto de vista lateral. Com que clareza se vê tudo ali embaixo! Quando garoto, se nós pudéssemos evocar de forma cúmplice os sentimentos que passavam no nosso coração, veríamos de um lugar elevado ampliarem-se os limites do horizonte. Não diríamos à criança com tanta frieza: "Desce, que vais cair!". Não só pelo simples exercício, pelo mero hábito, aprendemos a nos sustentar, a nos sentar, a caminhar, a evitar as caídas. Também não serve para ele a observação do que há ao nosso redor. Quanto distintos parecem alguns dos objetos mais simples, quando se os contempla do alto? Não queremos, não deveremos elevar, o quanto antes, dessa maneira, o espírito de nossos filhos, purificando com a luz das alturas, ampliando seu coração com a vista das imensas distâncias? "Porém, o garoto não me deixa descansar um momento: constitui minha eterna preocupação."

O garoto que, nesse sentido, tem sido bem educado desde sua primeira infância - que tem sido acostumado a desenvolver lenta e constantemente suas energias - não se atreverá a pôr-se à prova mais que pouco a pouco, salvando-se, assim, dos perigos, como se caminhasse sob o amparo de um gênio protetor. Ao contrário, o menino cuja atividade tenha sido afogada não conhece o esforço, carece de necessário vigor, tropeçará a cada passo com perigos que nenhum pai mais cuidadoso pode prever. Além disso, esses garotos que não têm exercitado devidamente suas forças são sempre os mais ousados, os mais imprudentes quando têm oportunidade para dar livre saída aos seus impulsos.

Não menos importante, nem menos útil para o desenvolvimento do menino, é a sua fixação em subir ao mais alto, meter-se nas cavidades e grutas, andar pelos declives e pelos montes. Isso responde à ânsia de ver o que não é visto, de conhecer o desconhecido, de sair à luz depois de haver vagado pelas sombras. Dessas excursões, o garoto traz como prêmio preciosas pedras e plantas estranhas, animais tirados de seus esconderijos - vermes, aranhas, escaravelhos, lagartixas e outros bichos análogos. "Que é isso?", "Como se chama?" As respostas para suas inesgotáveis perguntas vão lentamente aumentando a quantidade de seus conhecimentos e ampliando a seus olhos o mundo exterior. Tenhamos o cuidado de não o deter no meio do caminho. "Que animal tão asqueroso! Tira-o, que morde!" Se o menino nos obedece, com aquele animal tirará também uma parte da própria energia e, quando mais tarde lhe dissermos:

"Olha, olha, não faz mal..." seus olhos se cobrirão de repugnância, o que lhe resultará em uma lição proveitosa perdida. Houvéssemos trabalhado de outro modo e agora teríamos a atenção curiosa do menino; este nos ensinou, aos seis anos, muitas particularidades da forma e dos movimentos de algum inseto - muitos pormenores que não havíamos observado antes. Bem está que aprenda a ser cauteloso; porém, não tímido com os animais que não conhece.

Nem sempre sobe ao alto nem se afunda nas sombras o garoto robusto e animado. O mesmo impulso que o leva aos cumes ou às profundezas, o mesmo desejo de saber o retém também na planície. Vê como arruma uma horta nas terras de seu pai; como faz que corra a água por seus canais, como faz com que a água mova uma roda; como, enfim, olha flutuar algum pedaço de lenha ou de cortiça na minúscula canaleta... Gosta, sobretudo, da água - viva, clara, inquieta -, reflexo da alma infantil. Gosta também de brincar com a areia, com a argila, com tudo aquilo a que pode facilmente dar forma. Assim, desperta-lhe uma ânsia vital de dominar a matéria, imprimindo-lhe as marcas da própria energia. Tudo tem de estar ligado ao seu instinto de produção. Do monte de terra ele próprio fará uma caverna, ou um banco, ou um jardim. Palitos e troncos se convertem em uma cabana ou em uma casa. Com a neve, construirá paredes e muros. Das pedras surgirá um castelo. Em tudo mostrará seu instinto de conhecer e apropriar-se dos elementos exteriores, segundo os caracteres da alma humana nessa época da vida.

Olha esses garotos, de sete anos apenas, que caminham juntos e com os braços fraternalmente enlaçados. Estão submetendo à madura deliberação um projeto interessante: trata-se de construir sobre uma grande altura - na frente da casa paterna - uma rústica cabana, com seus móveis e utensílios correspondentes, da qual possam contemplar de um só golpe de vista toda a extensão do vale vizinho. Como há no garoto uma certa tendência para a unidade, propõe-se a reunir num conjunto harmônico e a encaminhar até um mesmo fim todas as coisas que lhe interessam ou que estão perto dele, tanto as pedras como os homens. Desse modo, o garoto forma o seu próprio mundo. O sentimento da própria força exige de imediato um espaço próprio e exclusivo domínio de uma matéria também própria. Nessa idade em que já aponta o homem futuro, o garoto necessita de um lugar livremente eleito e pessoalmente dado, uma propriedade - mesmo que seja o centro do pátio ou da casa, uma barraca, o oco de um tronco, um pedaço do jardim, uma caixa para guardar seus objetos, a estante, a prateleira de um armário. Se o espaço for grande, se for muito extenso ou muito complexo, não deixará seu proprietário de associar-se

com outros garotos de gostos similares e afins. Trabalharão juntos, confundirão suas almas - e a obra iniciada desandarará, ou o que começou com um esforço individual mudará para ação coletiva.

Pais, mestres, educadores, quereis ver em um quadro isso de que estamos falando? Contemplai comigo essa sala onde se acham reunidos oito ou mais garotos de sete a dez anos de idade. Há sobre a ampla mesa uma caixa para construção, cheia de pedaços de madeira em forma de ladrilhos, de um tamanho seis vezes menor que os ladrilhos normais. Não existe melhor nem mais belo material para desenvolver a atividade nascente da criança e sua atitude para produzir. Junto à caixa, há um monte de areia ou serragem e um pouco de musgo verde recolhido durante o último passeio no campo. Cada um dos jovens constrói independentemente e como melhor lhe parece. Uma capela com altar e cruz, resultado do trabalho de um dos meninos, manifesta o espírito que reina naquela escola. Ali, dois jovens decidem edificar, em cima de um silo, uma casa complexa, que bem poderia ser um castelo feudal sobre o vale nas alturas da base. Porém, o que faz esse outro menino tão calado debaixo da mesa? Esse levanta uma colina verde, rodeada de poéticas ruínas. Outro, sobre a mesa, acaba de construir toda uma aldeia. Terminados todos os respectivos trabalhos, cada qual contempla sua própria obra e as dos outros, e naquelas cabeças surge um mesmo pensamento, uma mesma aspiração. Por que não juntar as várias construções isoladas? Dito e feito. Em seguida, deixam traçados os caminhos que enlaçam o monte com o campo, o povo com o castelo, o castelo com a capela.

Se voltares outro dia para visitar a estância, verás uma cena diferente: um figurou com argila toda uma cidade; outro fez uma casa de cartolina com portas e janelas; outro transformou casca de noz em barco. Cada menino olha a sua obra. Bem está, porém está só. E observando os trabalhos dos demais, compreende que seria melhor reuni-los: a casa de cartolina fica sobre a mais alta das encostas de barro, enquanto, no lago daquelas terras, navegam as cascas de nozes. O menor dos meninos traz seu pastor e suas ovelhas para colocá-los entre o lago e o monte. Que beleza! Todos ficam felizes no próprio trabalho e em admirar o conjunto.

Enquanto isso se passa dentro de uma habitação, o que sucede abaixo dela? Por que se ouvem vozes e gritos do lado da fonte? São os jovens maiores: abriram canais, levantaram diques, pontes, moinhos e cidades. Agora, aproveitando a corrente d'água, descem os barcos, passam as fronteiras e invadem território alheio. Cada qual mantém o seu direito como senhor absoluto do espaço do arroio que alcançaram suas construções; porém, esse direito se choca com os direitos dos demais.

Que fazer? Há de chegar a um acordo, é preciso pactuar. Por meio de escrupulosos tratados, resolve-se aquele conflito de infantis soberanias. Não deixa de ser um jogo. Mas que resultados positivos não terá esse jogo no futuro? Entre os jovens, forma-se um espírito comum, um sentimento social. Jovens que assim julgam não deixarão de ser bons escolares - ativos, aplicados, estudiosos, inteligentes; serão mais tarde jovens de talento e de coração, aptos para o conselho e para o trabalho; e, finalmente, chegarão a converter-se em homens conscientes e úteis, com pleno domínio de suas mais altas faculdades.

É muito importante, de relevância nessa idade, que o menino cultive sua própria horta para obter seus produtos. Assim, verá de que modo - por processos orgânicos, regulares, imutáveis - os frutos constituem uma recompensa à sua atividade. Ele depende de seu próprio trabalho, conformando-se às leis da natureza. Na natureza e segundo a natureza, deverá viver: aprenderá a estudá-la, a conhecê-la; a natureza satisfará os seus desejos, apresentar-se-á em todo o seu esplendor, dar-lhe-á prodigamente frutos e flores, fazendo-o sentir a bênção de uma boa colheita. Não parece, mas as plantas cultivadas por um menino ganham em vigor em relação às outras e se desenvolvem melhor. Dir-se-ia que suas flores, cultivadas com tanto cuidado e carinho, com as quais conviveu, têm uma beleza especial, um atrativo. E quando não é possível que o jovem tenha um jardim para ele só, damos-lhe pelo menos um par de vasos onde possa cuidar, não vegetais raros, exóticos e de muito preço, mas plantas vulgares e de fácil cultivo, que logo se enchem de folhas e de flores. Acostumar o menino a cuidar e proteger uma vida, mesmo a de um ser inferior, é prepará-lo para os cuidados da própria vida. A observação das plantas o conduzirá também a fixar-se nos animais que andam perto delas - vermes, mariposas, pássaros.

Não teremos de crer, todavia, que todas as ocupações de um garoto dessa idade têm um objetivo exterior: muitas não respondem a outro fim que não o do puro exercício e expansão das energias internas. Porém, neste último caso, os jogos dos jovens oferecem um caráter peculiar, reflexo de sua vida mesma. No período anterior, o menino pequeno jogava só por um instinto de atividade; agora, já maior, seus jogos revelam sempre uma finalidade, representam algo. Esse caráter se acentua à medida que o menino cresce. Quando se move, quando corre ou luta, o faz com uma intenção determinada: joga para a corrida, para a guerra ou para a caça. Em todos os seus jogos, só e com os companheiros, experimenta o intenso prazer de sentir-se dono de suas forças, de ver aumentar não só seu vigor físico, corporal - que nesta idade adquire um desenvolvimento

rápido -, mas também seu valor moral, sua energia amínica, até o ponto em que, colocados em uma balança o desenvolvimento físico e o espiritual, seria difícil dizer de que lado cai o prato. Equilíbrio admirável! Descobrirás, num grupo de jovens que jogam, maravilhosas qualidades. Ali há justiça, há temperança, o domínio de si mesmo, a verdade, a lealdade, o companheirismo imparcial, as mais belas flores do jardim da alma, os botões mais perfumados do coração e da vontade. Acaso tenham menos perfume, porém não terão menos valor estas outras flores da prudência, da constância, da firmeza, da resignação, do sacrifício, das comodidades e da vitória sobre a preguiça. Aquele que busca um ambiente puro e vivificador para a sua alma, não deixe de ir ao campo de jogos desses meninos. Descobrirá, todavia, outras flores mais delicadas, mais perfumadas. Por bruscos e impetuosos que sejam alguns jovens, procuram sempre respeitá-las, como um cavalo feroso, em sua corrida, cuida para não atropelar os meninos que jogam no seu caminho. Essas flores do coração, amáveis como as violetas, chamam-se paciência, cuidado, respeito, proteção aos débeis, benevolência para com os jovens desconhecidos que se juntam para jogar. Pensem em tudo isso aqueles que só de má vontade admitem o campo de jogo entre os elementos essenciais para a educação. Certo é que não faltará ali alguma palavra rude ou alguma ação violenta. Porém, a energia, o sentimento da própria força devem preceder necessariamente a educação dessa energia, o seu enfrentamento e domínio. Firme é o olhar do jovem, penetrante para o conhecimento do interior; por isso, é também enérgico e até duro seu comportamento frente àqueles que considera iguais aos seus.

Em cada lugar, em cada aldeia, deverá haver um campo de jogo para todos os seus jovens. Os resultados seriam ótimos: o povo inteiro o apreciaria. Como, em geral, as diversões nessa idade são jogos comuns - meios eficazes para desenvolver o sentimento da comunidade -, os garotos desenvolvem o respeito às exigências e leis sociais. O jovem trata de ver-se em seus companheiros, de sentir-se viver neles, de medir-se, conhecer-se e encontrar-se a si mesmo por meio dos demais. Por isso, o jogo prepara-o diretamente para a vida e o conduz à prática de muitas virtudes cívicas e humanas.

Há, todavia, circunstâncias e períodos em que o garoto, ocupado em casa ou na escola, não pode exercitar suas forças ao ar livre. Mas nem por isso deve estar ocioso. Também são importantes - formam parte essencial da educação nesse período - outras ocupações próprias da casa, trabalhos mecânicos, modelagem, trabalhos em papel ou cartolina.

Há, contudo, no homem um desejo, uma aspiração, uma tendência do espírito que não fica satisfeita com todas essas ocupações da atividade exterior. Tudo o que essas ocupações podem proporcionar no atual período não basta para constituir aquela educação completa que reclama a natureza do jovem. Não basta o presente com toda sua complexidade e toda sua riqueza. Do fato de que algo existe no presente, o jovem deduz que algo também deveria existir no passado. Gostaria de conhecer igualmente o que o precedeu. Interessa-lhe o motivo anterior, a causa já desaparecida dos fatos presentes. Seu desejo seria que o que nos foi legado de outros tempos poderia explicar sua realidade, a causa de sua existência, os sucessos daquelas épocas antigas.

Recordemo-nos, nós mesmos, dos últimos anos de nossa infância; que emoção nos causavam os edifícios velhos, as torres, as ruínas, os monumentos e colunas? Sentíamos um estranho desejo de que o castelo, da sua altura, ou os restos ao lado da estrada nos relatassem os episódios de sua história e de seu tempo. Quem não sentiu alguma vez um obscuro pressentimento de que esses monumentos inanimados romperiam a falar e nos contariam os misteriosos fatos de seu século? E a quem recorrer senão àqueles que podem saber dessas coisas, aos que podem vê-las, ou seja, os velhos? Deseja que as comentem, que as contem, e, dessa maneira, desenvolve-se no jovem a predileção pelos relatos, lendas - primeiro as narrações e, depois, as históricas. Essa predileção é, nessa idade, extraordinária: as primeiras manifestações surpreendem, sobretudo, por sua intensidade. Tão grande é que, se as pessoas maiores não a satisfazem, os próprios meninos procuram fazê-lo em seus momentos de descanso, quando acabam os afazeres e ocupações do dia. Todos temos visto - e certamente não sem interesse - um grupo de garotos dessa idade ao redor de outro menino cujas boa memória e viva imaginação lhe têm valido o importante papel de narrador; os demais o escutam com religiosa atenção, sempre que seus contos respondem às aspirações do auditório - descrevendo fatos, aventuras, provocando a reflexão por meio da ação, mostrando, em suma, estreitamente unidos à palavra e ao exemplo.

O presente vivido pelo jovem tem muitas coisas que ele não sabe explicar e que, todavia, gostaria de entender; coisas que estão em silêncio e que desejaria que falassem; coisas que parecem mortas e que gostaria de ver cheias de vida. Recorre às outras pessoas para que lhe expliquem o que não entende e lhe ensinem a escutar a linguagem silenciosa das coisas. Pressente que há em tudo uma harmonia íntima e vital e quer que alguém a expresse claramente por meio de palavras. Nem sempre é

fácil, nem impossível, que as pessoas maiores satisfaçam inteiramente os desejos do jovem. Então, interessa-se pela fábula e pelo conto. Ambos emprestam linguagem e razão aos seres que deles carecem. A fábula mantém-se dentro do círculo das possibilidades humanas, enquanto o conto transpassa esses limites e sai totalmente das leis naturais. Qualquer um que se tenha fixado com atenção um pouco profunda na vida dos jovens dessa idade terá visto de que maneira eles mesmos - se as pessoas maiores não o fazem - relatam mutuamente contos e fábulas, entretendo-se, assim, com verdadeiro encantamento. Essas narrações infantis mostram com especial clareza ao observador o que existia de um modo inconsciente no fundo da alma do jovem. Há coisas que sente, que vive, porém que não pode extravasar porque lhe falta a linguagem adequada, e, por isso, deseja ouvi-las dos demais.

Gostaria o garoto de saber dizer com palavras o que seu espírito pressente, o que faz palpitar seu coração com emoções de alegria e prazer, despertando suas energias precoces. Porém, por si mesmo se sente incapaz disso: busca as palavras e, como não as encontra dentro de si, alegra-se em achá-las fora, em frases, sentenças ou canções. Nas canções, sobretudo. Com que gosto canta o jovem são e animado? Não é porque se sente viver em seus cantos? Não é o sentimento das forças nascentes o que faz brotar de seus lábios, de seus pulmões enquanto caminha por vales e montanhas?

O que impulsiona o jovem é a necessidade de dar-se conta clara de si mesmo. Por isso, vemo-lo entreter-se com a água pura, limpa, tranqüila e inquieta. A ela volta sempre em seus jogos, porque nela se vê a si mesmo, olha refletida sua alma e espera descobrir a essência de seu espírito. Porém, o que é a água no arroio ou no tanque, o que é o ar puro e o que são os largos horizontes do cume das montanhas? Isso é o jogo para a alma do jovem; um reflexo das futuras lutas de sua vida. Ansioso, prepara-se e robustece-se para elas, o garoto, e, logo, o jovem se deleita porque em seus jogos há luta, esforço, domínio de dificuldades cada vez maiores.

Desejos de investigar a antigüidade e de conhecer a natureza levam o garoto às ruínas e aos monumentos antigos; ânsias de expressar o que comove seu coração, o que apaixonou o canto. Muitos dos atos e das manifestações exteriores do menino encobrem um fundo sentimento espiritual: são expressões de sua vida interna, que têm, por consequência, um valor simbólico. Muito ganhariam tanto os pais como o filho - no presente e no futuro - se crescessem nesses símbolos e estudassem a essa luz a vida do menino. Pais e filhos se sentiriam unidos por um novo laço moral, que daria também coesão e unidade a todo o curso da existência.

Até aqui, temos descrito a vida do menino e do garoto em toda a sua pureza interior e exterior. Assim, desenvolve-se como uma bênção para a humanidade: a educação se harmoniza à natureza. Todavia, a realidade sobrepuja - em vida, beleza e perfeição - as nossas pálidas descrições. Porém, essa mesma realidade, na maior parte dos casos, separa-se do tipo ideal de vida. Basta, para se certificar, observar a conduta do menino ou do garoto com seus pais e irmãos, em casa, no trabalho, na escola, entre seus companheiros. Teremos de confessar que essa conduta é muito diferente do que a de antes. O menino é, às vezes, teimoso, travesso, preguiçoso, frouxo de alma e corpo, presunçoso, orgulhoso, brigão e dominante, amigo ruim, egoísta, pedante, desobediente, lento para o trabalho e para o jogo, talvez irreligioso... E se tratamos de inquirir a origem dessas e de outras muitas manifestações viciosas, que indubitavelmente nos oferece a vida do menino e do garoto, encontraremos sempre uma dupla causa. De um lado, veremos que tem sido inteiramente descuidado o desenvolvimento de importantes aspectos da natureza humana; e, por outro lado, observaremos que outros aspectos foram originariamente desenvolvidos em sentido falso e antinatural, ficando afogadas ou distorcidas as energias primitivas, as boas disposições, mercê de uma torpe e arbitrária intervenção no processo regular da evolução da personalidade.

O homem é essencialmente bom, tem qualidades e impulsos que são bons em si mesmos. Nenhuma qualidade humana é fundamentalmente má, a não ser que chamemos defeituoso, corrompido e mau *em si mesmo* o infinito, o frágil e corporal, com suas naturais propriedades e consequências. Porém, essa parte material de nossa natureza tem seu sentido e sua razão de ser enquanto permite a manifestação do eterno no temporal, e como temporal; do único no particular, e como particular, enquanto conduz o homem a seu destino como ser consciente, racional e livre. Não é mal isso em si mesmo, nem o que dele necessariamente se segue: que o homem há de poder pecar para que possa realmente ser bom, honrado e virtuoso; que há de poder converter-se em escravo para que, em verdade, seja digno de chamar-se livre. Quem tenha o dever de realizar o divino e o eterno não pode carecer da possibilidade e do direito de viver no terreno e no finito. Deus não tem podido manifestar-se nas coisas finitas mais que por meio do finito e do infinito. Aquele que se encontra suscetível ao mal, ao temporal e particular e, portanto, ao finito e material - esse tal menosprezo à criação, ao mundo, à natureza em si mesma - normalmente declara Deus culpável do mal.

Rebaixa também o homem e a humanidade quem afirma que aquele não é por natureza nem bom nem mau, mas os rebaixa ainda quem se atre-

ve a dizer que o homem é mau por natureza. O que assim pensa elimina Deus da humanidade, porque destrói a obra divina e aniquila os meios e caminhos pelos quais verdadeiramente podemos conhecer a Deus. Aquele que tais opiniões expressa traz ao mundo o erro, a mentira. E a mentira é a única origem de todo o mal no mundo. Se algo existe de tão ruim, que pode chamar-se mal em si mesmo, é a mentira, mal primeiro e origem de todos. Porém, a mentira não tem, em si mesma, existência alguma. Sua essência mesma a aniquila, e acabará por desaparecer em suas manifestações. O homem não tem sido criado nem pela mentira nem para a mentira, mas por e para a verdade. Nem sequer pode afirmar-se rigorosamente falando que o homem tira a mentira de dentro de si, de sua própria essência, mas deve-se afirmar que o homem mente e pode mentir precisamente porque tem sido criado por Deus para a verdade; mente porque não reconhece isso ou com relação a si mesmo ou com relação aos outros; mente porque não reconhece e impede que o reconheçam os demais no fundo íntimo do espírito, na fonte para a sua natureza.

O homem, considerado em seu aspecto material, em sua natureza física, está destinado a uma certa harmonia, a um equilíbrio consciente e racional entre o espírito e a matéria, entre a alma e o corpo. Todos os defeitos, a fonte da maldade no homem, provêm de uma perturbação nas relações entre duas partes do homem, entre o que nele muda e o que ele é, entre sua natureza e sua essência. A maldade arraiga-se no homem e o envolve como uma atmosfera enganosa; porém, poderia o homem livrar-se dela alcançando um conhecimento claro de sua natureza - com o domínio de si mesmo -, se o hábito, a aspereza, a corrupção não tiverem debilitado suas energias e sua vontade. No fundo de todas as faltas humanas, existe sempre, originariamente, uma qualidade boa, uma boa tendência, que foi afogada, desconhecida ou mal guiada. Por isso, o único meio verdadeiro para suprimir radicalmente os defeitos e a maldade consiste em buscar no fundo da natureza humana aquela primitiva tendência boa que, ao ser perturbada e distorcida, deu origem ao mal. Encontrado esse princípio bom, não faz falta mais que educá-lo, desenvolvê-lo, processá-lo devidamente. Dessa maneira, podemos vencer definitivamente o mal, diante de uma luta obstinada contra o hábito, e não contra uma maldade original do homem. Alcançaremos, com maior segurança e rapidez, o que o homem está sempre desejoso de abandonar - os caminhos do vício -, porque todos queremos mais o bem que o mal.

Convém, no entanto, que declaremos que, com tudo o que foi dito, não negamos que agora domina entre os garotos um espírito menos sensível, menos piedoso, menos afetivo e fraternal, menos religioso no sen-

tido correto da palavra; o egoísmo, o amor próprio e, sobretudo, uma certa dureza da alma abundam. O motivo disso é o seguinte: o sentimento social, o sentimento de comunidade entre pais e filhos tem sido debilitado ou destruído desde o início sem que nada seja feito para despertá-lo e robustecê-lo. É preciso que os sentimentos sociais que cada um, em maior ou menor grau, leva dentro de si sejam educados com a maior atenção. Conseguiremos, desse modo, fomentar entre os garotos os afetos inocentes, a fraternidade, a piedade verdadeira, a confiança, o respeito aos companheiros e a todos os homens. Renasceriam, na vida em família, na vida humana e religiosa, aquelas virtudes de cuja falta tanto nos lamentamos hoje. Também fonte de muitos defeitos nos garotos são a precipitação, o atordoamento, a pressa, numa palavra, a falta de reflexão. O menino trabalha muitas vezes arrastado por um impulso que absorve toda a atividade de seu corpo e de seus sentidos. Não são maus em si mesmos esses impulsos: são inocentes e ainda podem ser dignos de louvor. O que se passa é que, em muitos casos, o garoto ignora as conseqüências de suas ações porque não tem experiência delas, nem lhe ocorreu pensar nos seus resultados. Uma criança de excelentes instintos se entretinha uma vez em empoeirar com gesso, finamente moído, a peruca de seu tio, a quem muito queria, sem se dar conta de que aquela diversão poderia ser prejudicial para os cabelos.

Um garoto encontrou em um grande recipiente de água vários pratos de porcelana. Notou, por casualidade, que os pratos, ao se chocarem contra a tranqüila superfície da água, produziam uma lasca tanto maior quanto mais rápido fosse o choque. Essa observação o divertiu; por isso, repetiu várias vezes o experimento, convencido de que, amortecendo-se o golpe com a água, a porcelana não podia se romper. Por fim, veio a cair o prato de tal altura e com a superfície tão exatamente paralela à da água que o ar comprimido entre os dois, não encontrando saída, rompeu o prato em dois pedaços quase iguais. Tão surpreendido como desolado ficou o pequeno físico autodidata diante do resultado inexplicável de sua experiência. Com freqüência, os meninos esquecem o resultado que hão de ter suas ações: deixam-se arrastar simplesmente por seus impulsos, por seu instinto de viver. Outro garoto atirava pedra por pedra contra a janela de um edifício vizinho, esforçando-se para acertar o alvo, sem pensar que, se errasse, a janela ficaria em pedaços. Assim sucedeu, e, ao ouvir o barulho, o menino ficou atônito e desolado, como se não tivesse podido prever aquele desenlace. Outro menino - nada travesso, mas, pelo contrário, de muito boa natureza e particularmente amigo das pombas, as quais cuidava com carinho - disparava com o maior entusiasmo contra uma que

havia pousado na casa do vizinho. Não lhe ocorreu que, se a acertasse, cairia ao chão a pobre da pomba, que acaso era uma mãe cuidando de seus filhos. Por fim, caiu ferido o animal, que era uma bela pomba; só então compreendeu que havia desfeito o amoroso casal, que os pequenos não teriam mãe para alimentá-los - e todas as outras conseqüências de sua irrefletida ação.

É, certamente, uma grande verdade, uma verdade profunda cujo esquecimento acarreta todos os dias muitos males, de que quase sempre é outro homem, e muitas vezes o próprio educador, quem tem a culpa da maldade do menino e do garoto. Isso provém de que geralmente se atribui a intenção perversa, ou pelo menos distorcida, àquilo que o menino ou o garoto faz por ignorância ou precipitação ou, quem sabe, por uma clara visão do justo e do injusto, melhor dizendo, fundando-se em um nobre e louvável sentimento do direito. Por desgraça, há muitos que pensam assim, que os consideram como diabólicos enroladores e perversos; às vezes, esse estado de espírito é, em síntese, não mais que diversões pesadas ou excessivamente livres de alegria de viver. Esses professores são aves de mau agouro que convertem o menino inocente em culpado, atribuindo-lhe intenções e propósitos dos quais não têm nenhuma idéia; põem maldade, se não na sua vontade, pelo menos em seus fatos; matam o espírito do menino, tiram-lhe a vida para que conheçam que não provêm dela, e que eles não podem dá-la. A verdadeira vida desapareceu; não, o menino não poderá dar-se a si mesmo. De que servirá um conhecimento seco, uma vontade morta, sem energia para a ação? Crêem tais educadores que o menino não pode chegar à posse dos reinos dos céus, que não pode ter um céu em sua alma sem passar antes - digamos claramente - pelo pecado, pela culpa; e, assim, inconscientemente, pervertem-no e tornam-no mau. E esperamos que venha Deus em ajuda a esses meninos, se aqueles pretendem fazer-se piedosos!

Essa maneira de educar recorda a daquele garoto que, depois de ter atormentado inocentemente a uma mosca ou a um escaravelho até arrancar-lhes as patas e deixá-los meio-mortos, disse com a maior safadeza: "Olha, já está domesticado". Há, também, meninos e garotos que cometem realmente muitas faltas em sua conduta exterior por não observarem ou por não conhecerem as regras sociais, deixando-se arrastar por seus impulsos internos; todavia, têm os mais sinceros desejos de serem bons e justos. Por desgraça, esses garotos acabam por tornar-se realmente maus ao ver que os demais não só desconhecem, mas menosprezam as íntimas inclinações da sua alma. Se alguém tivesse sabido compreendê-los em tempo oportuno, chegariam a ser, quem sabe, os melhores entre os ho-

mens. Muitas vezes, os adultos, os pais e os professores, castigam os meninos por faltas que deles mesmos aprenderam. O castigo e, sobretudo, a repreensão fazem, com freqüência, o menino conhecer as faltas as quais até então eram-lhe alheias. Por isso, o homem se faz muito mais culpável com relação aos seus semelhantes, aos meninos, sobretudo, do que com relação a Deus. Todas as ofensas de um menino grosseiro em nada rebaixam a dignidade, a virtude reconhecida de um bom pai. Porém, quanto dano pode fazer um garoto perverso corrompendo a palavra ou com fatos a outro menino menor. Pois esta é a relação do homem para com o homem, e aquela a do homem para com Deus.

Tudo o que o garoto faz nesse período de sua vida contribui, como já dissemos, para despertar nele o sentido profundo das coisas, um íntimo pressentimento da vida. Toda sua ação está orientada pela comunidade. Para encontrar-se a si mesmo em tudo, busca a unidade unificadora de todos os seres e de todas as coisas. Um obscuro anseio o leva sobretudo às coisas naturais, às plantas e flores, ao que está oculto na natureza. Seu coração diz o seguinte: não é exterior e aparente o que há de satisfazer as ânsias da tua alma; deves, pois, descobri-lo no que está obscuro e velado. Infelizmente, uma educação equivocada afoga essa santa aspiração, perturbando as naturais tendências do garoto. O que durante essa delicada idade tem sido guiado de maneira natural - por piores que sejam seu entendimento e sua consciência, por vagos que sejam seus pressentimentos - não deixa de buscar a unidade unificadora de todas as coisas, a unidade necessária e viva, o último fundamento da realidade: Deus. O menino não se aproximará de um Deus que construiu a sabedoria dos homens, senão através daquilo que se manifesta no fundo da alma e do coração - o Deus do espírito, conhecido só no espírito e na verdade e ao que só em espírito e em verdade se tenha elevado uma prece. O menino não pode falar de satisfação de seus anseios se não se sentir próximo d'Aquele a quem obscuramente presencia e busca. Ao encontrar a Deus, o garoto começa a encontrar-se a si mesmo.

Essa é, no interior e no exterior, a vida livre do homem, do garoto no período escolar. E agora, bem: o que é a escola?

IV

A escola

A escola tende a dar ao menino o conhecimento e a consciência da natureza e da vida interna das coisas e de si mesmo; ensina-lhe as relações que existem entre as coisas, as relações dessas com o homem e também com Deus, fundamento vivo, unidade consciente de todas elas. Assim, a finalidade do ensino consiste em fazer com que o aluno se dê conta da unidade de todas as coisas e de que todas existem, descansam e vivem em Deus, para que, assim compreendendo, possam ajustar-se a essa consideração os atos e as práticas de sua vida. O meio, o caminho para chegar ao objetivo do ensino não é outro que o ensino mesmo. Por meio desse e por meio da escola, o mundo exterior e o próprio aluno - enquanto integra parte desse mundo exterior - formam a sua consciência como algo distinto, separado, alheio, oposto. A escola destaca as tendências pessoais das coisas particulares e suas conexões e relações mútuas, levando o menino, desse modo, a uma generalização cada vez mais ampla e a uma crescente espiritualidade.

Quando o garoto entra na escola, começa a perceber, além do aspecto externo das coisas, o aspecto superior e espiritual. Esse caminho, desde o aparente e superficial até o interno, chegando pouco a pouco ao verdadeiro conhecimento, à compreensão justa, à consciência clara da realidade, esse caminho da vida doméstica à vida social converte a criança em escolar e faz a escola merecer ser chamada *escola*. A escola não é digna desse nome quando se limita a ser um estabelecimento onde se ensina uma quantidade menor ou maior de conhecimentos particulares e exteriores. A escola só pode ser escola quando estiver impregnada por vivências e espiritualidade que envolvam e transfigurem todas as coisas. Não esqueçam isso aqueles que estão encarregados de organizar e dirigir nossas escolas. A escola só pode ser escola se pressupuser uma clara consciência de que, sendo intermediária entre o aluno e o mundo exterior, busque unificá-los - mantendo o essencial dos dois, e fale ambos os idiomas para facilitar como intérprete a mútua compreensão.

Essa consciência é a do professor. É, efetivamente, um professor quando, na maior parte dos casos, revelar a seus discípulos a unidade do mundo; é o professor de escola que sabe compreender e fazer compreen-

der aos demais a íntima e espiritual essência de todas as coisas. Não há criança, não há aluno que não presuma, espere, crie e exija isso do seu professor. E esse pressentimento, essa confiança e fé tecem o laço invisível e eficaz que os une. Em virtude desse pressentimento e confiança, dessa fé infantil, nossos antigos professores de escola sabiam despertar a vida interna de seus alunos muito melhor que não poucos professores atuais, que ensinam aos alunos uma quantidade enorme de coisas sem saber uni-las, sem pôr em destaque a unidade necessária - íntima e espiritual de todas elas. Essa presunção, essa esperança enchem a alma do garoto. Ele pensa que seu professor de escola, pelo sentido que atribui a criança às palavras *escola* e *professor*, é capaz de unir por dentro espiritualmente o que na aparência está separado, de animar o que parece morto e de dar sentido à vida. Por nebuloso, por inconsciente que seja esse pressentimento, a ele deverá o professor toda a eficácia de sua obra educadora. Essa fé infantil é o ambiente vivo da escola: graças a ela, as pedras que o professor dá às crianças se convertem no centro do seu entendimento e de seu coração. Esse pressentimento, esperança e desejo permitem que o garoto, apesar de tudo, sinta um verdadeiro amor pela escola.

Esse espírito, o bom espírito de uma escola, parece-se com o espírito religioso porque não depende de aparências exteriores. Não bastam os bonitos locais bem ventilados se falta neles esse outro ar mais puro, o sopro da vida elevada espiritualmente. Muito valem os edifícios claros, limpos, alegres; os professores e os alunos que os desfrutam nunca o agradeceram demais. Também nesse sentido podiam aplicar-se as palavras de Lutero: "O aluno e a austeridade corporal podem constituir uma excelente preparação exterior; porém bem-aventurado é só aquele que tem a fé e a confiança em Deus". A fé e a confiança, a esperança e o pressentimento com que a criança entra na escola podem tudo e alcançam tudo. Porque a criança entra na escola com essa fé ingênua, com essa silenciosa esperança, com esse obscuro pressentimento: "Aqui te vão ensinar algo que fora não poderias aprender; aqui receberás o alimento de tua alma, e fora daqui não há mais que para teu corpo"; "aqui" - continua dizendo o coração da criança - "dar-te-ão comida e bebida que extinguem para sempre a fome e a sede e não são como a comida e a bebida de fora, que só aplacam de momento".

Não se acredita que a escola contradiz a espontânea atividade do garoto. A ação bem dirigida da escola, que fortifica as energias íntimas e espirituais dos alunos, faz com que se sintam mais livres, movam-se com maior facilidade na vida. O bom escolar não anda encolhido e com a ca-

beça baixa: deve estar alegre, disposto, são de corpo e de alma. Não há antagonismo entre a escola e a vida. O garoto amigo, decidido, e até um pouco travesso, não deixará de aprender numa boa escola esses sentimentos, essa nobre impulsividade do caráter.

Falsa é a opinião dos que crêem que a energia interna, vivaz, sintética (intensiva) do homem cresce com o desenvolvimento e com os anos. Essa energia diminui; aumenta, ao contrário, a energia exterior, expansiva, produtiva, analítica (extensiva). Infelizmente, o sentimento e a consciência dessa última força no homem destroem, freqüentemente, as raízes daquela outra energia interna e vivaz. Essa destruição e a confusão entre ambas as forças são a causa de inúmeros desacertos na educação e na escola e debilitam o verdadeiro fundamento de nossa própria vida. Se confiarmos pouco na energia interna e unificadora da criança ou do garoto, se desconhecermos sua capacidade de vida espiritual, não poderemos esperar dela muita coisa nos próximos anos porque a energia não exercitada acabará por perder-se e desaparecer.

Também pode ocorrer que, dando-nos conta das energias psíquicas da criança, não saibamos, assim, apreciá-las em todo o seu valor e passemos a julgá-las. Ocorrerá, então, o que ocorreria com um ímã inativo ou cujos efeitos magnéticos provocassem desordem: em ambos os casos, a força do ímã diminuiria e se extinguiria até que desse a impressão de que não tem poder algum. Também, as crianças tratadas de modo análogo parecem débeis e inúteis, quando se exige delas uma atividade física ou moral; não esqueçamos nunca, ao julgar e apreciar a energia de uma alma infantil, aquelas palavras de um dos grandes alemães - Johan Paul Richter: "Entre uma criança de berço e uma que já fala, há maior distância que entre um garoto da escola e mesmo Newton". Reflitamos que, se, na infância, é tão rápida a evolução, as forças serão também muito maiores. A expansão posterior, a produtividade, a análise, a reflexão em uma palavra, a extensividade do homem adulto nos deslumbram de tal modo que não nos damos conta daquela primeira energia de unificação, de vida, de intensividade, que tão potentemente se manifesta nos primeiros anos.

O espírito, por si só, converte o edifício escolar em verdadeira escola. Não merece esse nome aquele estabelecimento que divide e quantifica os conhecimentos, divisão que não tem limites, já que cada membro é um ponto de partida de uma divisão nova. A escola não é escola mais que por intuição e conhecimento do espírito, do princípio unificador que palpita no fundo da pluralidade das coisas particulares. Não esqueçamos jamais: o que constitui a escola não é o ensino da pluralidade como tal, mas a visão da unidade eternamente viva em todas as coi-

sas. Se isso não ocorrer, é porque há poucos professores que realmente o são e, conseqüentemente, teremos poucas escolas verdadeiras.

Com freqüência, ignora-se - ou pelo menos se desconhece o bom espírito de uma escola - o que antes se encontrava em muitas, e ainda hoje em algumas escolas: o sopro vivaz que deveria animar todas as instituições de educação. Todavia, entre os professores de boa vontade, existem aqueles que, apesar de terem uma boa intenção, não têm essa consciência clara do espírito que deve guiá-los, nem refletiram sobre ele; por isso, o espírito vai debilitando-se pouco a pouco, até que por completo se desvanece. Conseqüentemente, também aqui se comprova a observação que, com tanta freqüência e com tanta dor, podemos fazer em toda a vida: até os maiores e puros bens se perdem quando aquele que os possui não sabe que os possui; quando seu dono não o é com pleno arbítrio, consciência e liberdade. O pressentimento da criança, suas esperanças e sua fé não deixam de mostrar-nos o caminho; porém, para segui-lo, fazem falta a consciência, a reflexão constante, a livre-determinação do homem, porque o homem nasceu para a vida consciente, para a ação livre.

Ao considerarmos o que é e o que deve ser a escola, damos-nos conta de que, para o garoto, para o homem em geral, os meios de ensino devem ter um valor profundo e basear-se na mesma natureza humana, para que a instrução não se converta em um jogo superficial sem influência sobre a mente nem sobre o coração.

Depois do que se disse, não será possível refutar estas perguntas: "É conveniente a instrução?" "Tem de haver escolas?" "Como devem ser?" De acordo com nossa dupla natureza - corporal e espiritual -, nosso objetivo é chegar a ser homens conscientes, razoáveis, sensíveis, reflexivos; devemos, antes de tudo, desenvolver nossa energia interior como seres criados por Deus para a manifestação do divino na vida, sem esquecer, também, que a matéria tem exigências e seus direitos. No humano e no divino, para os homens e para Deus, estamos obrigados a crescer em razão e em sabedoria. Deus é nosso pai e n'Ele somos e existimos. O mesmo acontece conosco e com as coisas todas da criação: constituímos um templo de Deus vivo. Não esqueçamos que somos chamados a ser perfeitos como nosso Pai que está no céu, e vivamos sempre de acordo com essa verdade. A esse objetivo deve nos conduzir a escola; por isso e para isso é preciso o ensino.